

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA

Giovanna Fortuna Trasferetti

**Fenomenologia da autolesão não suicida:  
uma análise da expressão do sofrimento na corporeidade**

SÃO PAULO

2024

Giovanna Fortuna Trasferetti

**Fenomenologia da autolesão não suicida:  
uma análise da expressão do sofrimento na corporeidade**

Trabalho de Conclusão de Curso,  
apresentado como exigência parcial para  
a graduação no curso de Psicologia da  
Pontifícia Universidade Católica de São  
Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Diogo  
Arnaldo Corrêa

SÃO PAULO

2024

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe Iara, ao meu pai Paraíso e à minha tia Marlene, que garantiram que eu pudesse crescer com todo o amor e carinho do mundo, me incentivando o tempo todo. Espero ser ao menos um terço do que vocês são como pessoas.

Ao meu namorado, e futuro marido, Lucas, por sempre estar comigo e torcer por mim. Você me deu a força que tornou possível concluir este trabalho.

Ao meu orientador Diogo, que tornou tudo mais leve com seu carisma e apoio oferecido. Sua orientação agregou não só nesta pesquisa, mas me trouxe aprendizados que levarei para o resto da vida.

À parecerista Thaís, que se mostrou, desde o começo, super aberta a apreciar meu trabalho. Nunca esqueci daquele mês que tive aula com você, e é uma honra poder contar com você novamente nesse momento essencial.

Aos amigos que me apoiaram nessa trajetória, independente do tempo ou da distância. Vocês acreditaram em mim e me deram a certeza de que eu era capaz de chegar até aqui.

Às minhas *psicoamigas*, que tornaram todo esse processo menos estressante, dentro e fora da PUC. Eu teria perdido a cabeça sem vocês.

Às pessoas queridas que já não se encontram nesse plano, mas foram essenciais na minha formação como pessoa. Confio que vocês estejam olhando por mim de onde for.

À todos aqueles que, de uma forma ou de outra, contribuíram para que eu pudesse compreender minha capacidade, impedindo que eu desistisse diante de dificuldades. Vocês são parte disso.

“Eu me corto porque não consigo lidar com as coisas. É simples assim. O mundo se torna um oceano, o oceano cai em cima de mim, o som da água é ensurdecedor, a água afoga meu coração, meu pânico fica do tamanho do mundo. Preciso de libertação, preciso me machucar mais do que o mundo pode me machucar. Só assim posso me reconfortar.” (Glasgow, 2016, p. 46).

## RESUMO

TRASFERETTI, G. F. **Fenomenologia da autolesão não suicida: uma análise da expressão do sofrimento na corporeidade.** 87 fl. TCC (Graduação em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

**Orientador:** Prof. Dr. Diogo Arnaldo Corrêa

**Área do Conhecimento:** 7.07.00.00-1- Psicologia

**Subárea do Conhecimento:** 7.07.10.00-7- Tratamento e Prevenção Psicológica

**Título:** **Fenomenologia da autolesão não suicida: uma análise da expressão do sofrimento na corporeidade.**

**Ano:** 2024

**Orientador:** Prof. Dr. Diogo Arnaldo Corrêa

**Autora:** Giovanna Fortuna Trasferetti

A autolesão não suicida consiste na autodestruição do próprio corpo como forma de apaziguamento do sofrimento psíquico. Se mostra cada vez mais presente principalmente entre adolescentes. Não há consenso sobre as motivações para sua prática que demonstra índices preocupantes no Brasil e no mundo. O objetivo desse estudo teórico foi promover, a partir da Fenomenologia de Merleau-Ponty acerca do corpo, uma compreensão da autolesão através da análise de alguns estudos e alguns relatos de pessoas, disponíveis em uma rede social, que expressam seu sofrimento por lesões autoprovocadas. Foi possível entender as diversas dimensões corporais da existência humana que influenciam na prática e consistem na objetificação do próprio corpo, a experiência tátil proporcionada pela dor, os sentimentos negativos direcionados à si mesmo e uma forma de comunicação não verbal, tanto inter quanto intrapessoal. Assim, a autolesão é um fenômeno que explicita conflitos internos e/ou externos enfrentados pelo indivíduo em seu corpo, seu ser no mundo, podendo ser entendida até de certa forma terapêutica – ainda que prejudicial – para lidar com seus sofrimentos. E as motivações para a autolesão são mais complexas que propriamente o ato. Como forma de preveni-la é necessária a atenção ao cuidado em saúde mental para a população, principalmente adolescentes. A disponibilização da escuta e de atendimento psicológico para o enfrentamento de adversidades e estabelecimento de recursos saudáveis é o que fará com que não seja necessário chegar ao ponto da autodestruição.

**Palavras-Chave:** autolesão; fenomenologia; corpo.

## ABSTRACT

TRASFERETTI, G. F. **Fenomenologia da autolesão não suicida: uma análise da expressão do sofrimento na corporeidade.** 87 fl. TCC (Graduação em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

**Teacher Conseling:** Prof. Dr. Diogo Arnaldo Corrêa

Non-suicidal self-injury consists of self-destruction of one's own body as a way of relieving psychological suffering. It is increasingly present, especially among teenagers. There is no consensus on the motivations for its practice, which shows worrying rates in Brazil and around the world. The objective of this theoretical study was to promote, based on Merleau-Ponty's Phenomenology about the body, an understanding of self-injury through the analysis of some studies and some reports from people, available on a social network, who express their suffering due to self-inflicted injuries. It was possible to understand the various bodily dimensions of human existence that influence practice and consist of the objectification of one's own body, the tactile experience provided by pain, negative feelings directed at oneself and a form of non-verbal communication, both inter and intrapersonal. Thus, self-injury is a phenomenon that explains internal and/or external conflicts faced by the individual in their body, their being in the world, and can even be understood in a therapeutic way – albeit harmful – to deal with their suffering. And the motivations for self-harm are more complex than the act itself. As a way to prevent it, it is necessary to pay attention to mental health care for the population, especially adolescents. The provision of listening and psychological assistance to face adversities and establish healthy resources is what will mean that it is not necessary to reach the point of self-destruction.

**Keywords:** self-injury; phenomenology; body.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>2. OBJETIVOS</b>	<b>16</b>
2.1 Objetivo Geral	16
2.2 Objetivos específicos	16
<b>3. MÉTODO</b>	<b>17</b>
<b>4. A AUTOLESÃO</b>	<b>28</b>
4.1 Historiografia da autolesão	28
4.2 Nosografia da autolesão	31
4.2.1 Conceito	31
4.2.2 Dados estatísticos	32
4.2.2.1 No mundo	32
4.2.2.2 No Brasil	35
4.2.3 Prevalência na adolescência	37
4.2.4 Prevalência no sexo feminino	38
4.2.5 Possíveis motivos, funções e significados	39
4.2.6 Vivências na autolesão	41
<b>5. O CORPO SEGUNDO MERLEAU-PONTY</b>	<b>46</b>
5.1 Prefácio e Introdução à obra	46
5.2 O corpo	48
5.2.1 O Corpo como objeto, e a fisiologia mecanicista	48
5.2.2 A experiência do corpo e a psicologia clássica	51
5.2.3 A espacialidade do corpo próprio e a motricidade	53
5.2.4 A síntese do corpo próprio	54
5.2.5 O corpo como ser sexuado	56
5.2.6 O corpo como expressão e a fala	59
<b>6. COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA DO CORPO AUTOLESIONADO</b>	<b>64</b>
6.1 A autolesão e o corpo como objeto	65
6.2 A autolesão na motricidade do corpo e no esquema corporal	66
6.3 A autolesão e os afetos	69
6.4 A autolesão como forma de expressão	71
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>75</b>
<b>8. REFERÊNCIAS</b>	<b>77</b>
<b>9. QUADROS E FIGURAS</b>	<b>86</b>
<b>9.1. LISTA DE QUADROS</b>	<b>86</b>
<b>9.2. LISTA DE FIGURAS</b>	<b>87</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Embora existam alguns estudos sobre a autolesão, principalmente entre adolescentes (Ferreira, 2021), há pouco consenso sobre suas motivações e funções (Vieira, 2016). Este fato pode ser um obstáculo para que sejam desenvolvidas estratégias específicas para auxiliar no manejo clínico, prevenção e cuidado com a população que pratica a auto lesão.

Devemos pensar nesse fenômeno como a consequência de um sofrimento presente na vida do indivíduo, uma tentativa de lidar com a dor interna e, portanto, não há uma solução única e simples que pode ser generalizada para todos que a praticam. Assim, é necessário nos aprofundarmos na experiência de cada sujeito, investigando o que todos eles têm em comum: a escolha de machucar o próprio corpo como forma de alívio dos seus problemas.

Há uma certa divergência em relação ao fenômeno no âmbito científico que pode ser um obstáculo para entender o material que foi produzido até agora. Essa divergência está ligada à terminologia utilizada para definir a autolesão. Após uma pesquisa bibliográfica realizada em sites como *Google Acadêmico*, *BVS-Psicologia* e em bases como *LILACS*, *Scielo*, *pePSIC*, *Periódicos CAPES*, entre outros, foi possível constatar uma variedade de termos utilizados para definir autolesão: automutilação (aproximadamente 10.400 resultados), autolesão (aproximadamente 3.960 resultados), violência autoinfligida (aproximadamente 7.760 resultados), auto agressão (aproximadamente 64.400 resultados), *self harm* (aproximadamente 1.790.000 resultados), *self injury* (3.290.000 resultados) e *cutting* (aproximadamente 35.900 resultados).

Ao pesquisarmos tais termos, percebemos a escassez de artigos e dissertações sobre o tema a partir do olhar fenomenológico. Foram encontrados aproximadamente 300 estudos que se encaixaram nos critérios apontados, o que é incipiente se comparado ao número de artigos sem as variáveis fenomenologia e phenomenology (aproximadamente 20.000 artigos) dentre eles: *Do corpo objeto ao corpo vivido: aproximações entre automutilação e fenomenologia*, (Reis, 2018); *Automutilação na Adolescência: Compreendendo a Prática Entre Alunos de Uma Escola Privada de Natal/RN*, Freitas (2021), *As principais causas que levam à automutilação em adolescentes: uma revisão integrativa*, Oliveira (2021);

*Automutilação e suicídio na adolescência*, Silva (2022); *Explorar o efeito de contágio na prática de comportamentos não suicidas de autolesão em adolescentes*, Silva (2023).

Todos esses artigos agregam no estudo do fenômeno, mas ainda são iniciais em comparação com a bibliografia geral sobre autolesão. Por conseguinte, esta pesquisa pode complementar a literatura existente e investigar o fenômeno em sua complexidade.

Ademais, o fenômeno da autolesão, principalmente entre jovens, está em crescimento constante e sua incidência é cada vez mais debatida, a ponto de tornar-se uma questão de saúde pública no Brasil. No Boletim Epidemiológico Nacional da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS), vinculada ao Ministério da Saúde (MS), o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) afirma que entre 2011 e 2016 ocorreram 1.173.418 notificações (MARTINS, 2022). de práticas autolesivas.

Ainda assim, há pouco consenso acerca do entendimento do fenômeno e suas motivações, principalmente voltados para o crescimento dos casos de autolesão nos últimos anos e, por isso, urge a produção de estudos que se aprofundem de forma mais abrangente no fenômeno, pois só assim é possível desenvolver estratégias eficazes de prevenção.

Segundo Miranda (2023), os casos de autolesão crescem a cada dia, com aproximadamente 1 milhão de pessoas morrem por suicídio anualmente (uma morte a cada 40 segundos), sendo a terceira principal causa de morte entre os jovens nas Américas (OMS/OPAS, 2019). Isso mostra que esse fenômeno está imerso num contexto de adoecimento psíquico intenso entre os adolescentes no mundo atual. Giusti (2013) aponta que indivíduos que se autolesionam se mostram mais propensos a tentar efetivamente cometer suicídio.

Esse estudo visa uma leitura fenomenológica, baseada no pensamento de Merleau-Ponty em seu livro “Fenomenologia da Percepção”, que pode colaborar frente à crescente quantidade de casos, pois procurará analisar o fenômeno como ele se mostra na corporeidade de cada indivíduo, sem se apegar a explicações simplistas para uma prática tão complexa.

Segundo o estudo de Klonsky (2014), a autolesão, ou ALNS<sup>1</sup>, é definida como a autodestruição do próprio corpo sem a intenção de pôr fim à própria vida. O primeiro artigo a definir propriamente o fenômeno surgiu em 1983, nomeando a repetição e continuidade de episódios de autolesão sem ideação suicida como “síndrome da autolesão deliberada”, ainda que essa ideação esteja presente na vida do sujeito (Pattinson; Kahan, 1983).

Conforme Giusti (2013), aqueles que tentam pôr fim à própria vida buscam acabar definitivamente com uma dor persistente, enquanto aqueles que se automutilam procuram um apaziguamento do sofrimento psíquico e alívio através da autolesão. Entretanto, isso não implica que os indivíduos que se automutilam estejam imunes ao risco de tentar o suicídio ou de se ferir gravemente devido à falta de habilidade. A presença da automutilação está associada a tentativas de suicídio e, portanto, é um fator crucial a ser considerado.

Giusti (2013) relata que as formas mais frequentes de autolesão incluem cortes, queimaduras, mordidas em si mesmo, bater partes do corpo na parede ou com objetos e cutucar ferimentos constantemente para impedir a cicatrização. Embora a autolesão possa proporcionar uma sensação temporária de bem-estar, essa geralmente desaparece algumas horas depois ou, em casos raros, pode durar dias ou semanas, seguida de sentimentos de vergonha ou culpa. Menciona-se que os pacientes não sentem dor ou sentem apenas certo desconforto durante a autolesão.

Klonsky (2007), por sua vez, diferencia duas categorias de autolesão e apresenta sete possíveis funções para comportamentos de autolesão sem ideias suicidas. A categoria "intrapessoal" está relacionada à autopercepção e inclui funções como alívio de estados emocionais negativos, gerenciamento de emoções, prevenção contra dissociação, prevenção contra suicídio, busca por sensações e desejo de autopunição. A categoria "interpessoal" refere-se às relações com os outros, incluindo o suporte social e a comunicação de sentimentos aos outros. Esta categoria está associada à influência externa aos limites interpessoais.

As funções de regulação afetiva e autopunição são as mais comumente associadas à prática de autolesão não-suicida. No entanto, outras funções foram menos correlacionadas. É importante considerar as limitações dos resultados

---

<sup>1</sup> Autolesão Não Suicida

obtidos, já que todos os estudos se baseiam em auto-relatos dos participantes, que podem não ter respondido adequadamente às perguntas (Klonsky, 2007).

Sternudd (2010) parte da premissa de que a autolesão é uma forma de atribuir sentido à dor interna, ou seja, ao sofrimento psíquico e emocional, conceito também explorado nos estudos de Giusti (2013) e Fabbrini (2021), que enfocam a regulação afetiva. Sternudd defende a importância de compreender concretamente essa noção de dor, observando marcas visíveis no corpo, e propõe uma análise detalhada de fotos de autolesão como meio de compreender a perspectiva de quem as compartilha. Dessa forma, é notória a complexidade e multifatorialidade do fenômeno.

Estudos como o de Silva (2023) direcionam-se à autolesão em grupos e comunidades virtuais, identificando esses grupos como facilitadores do “efeito contágio”, mas não como a causa do fenômeno. A partir da análise dessas comunidades, percebe-se que sua existência se deve ao fato dos praticantes não se sentirem confortáveis em falar sobre isso abertamente, muitas vezes sendo julgados pela sociedade como “tentativas de chamar a atenção”, criando uma relação de estigmatização e exclusão do indivíduo, o que torna ainda mais difícil procurar ajuda (Almeida, 2021).

As práticas autolesivas vem tomando mais espaço nos debates atuais, principalmente por sua alta incidência. No Brasil, os índices de autolesão estão descritos no Boletim Epidemiológico Nacional da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS) vinculada ao Ministério da Saúde (MS). Segundo o documento, consta no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) que entre 2011 e 2016 ocorreram 1.173.418 notificações. Nesse universo, 116.113 (65,9%) de casos envolveram mulheres (MARTINS, 2022). Os dados evidenciam a questão como problema de saúde pública que requer a inclusão na agenda governamental enquanto “estado de coisas que passam a preocupar as autoridades”.

Até 2020, as mulheres seguem como população mais relacionada ao fenômeno, com destaque para a faixa etária de 15 a 29 anos. Os registros apontam lesões que variam de leves, como morder a própria boca, a graves, como esfoliar ou queimar a própria pele, sem intenção suicida (Brasil, 2017).

A ocorrência da pandemia de COVID-19, em 2020, parece ter agravado a situação no país. Segundo Rürcket (2022), os profissionais de saúde (médicos, enfermeiros e psicólogos) que trabalhavam na área antes e durante a pandemia

relataram um aumento dos comportamentos de autolesão, ideação e até do suicídio consumado. A Psicologia, especificamente, reúne profissionais e pesquisadores de diversas abordagens teóricas para estudar o fenômeno.

No decorrer da história da humanidade, diferentes correntes filosóficas surgiram para conceber o homem e sua relação com o mundo. Com o avanço da ciência, a Psicologia se fundamentou como prática, destacando-se pensadores como Sigmund Freud, cuja Psicanálise abordou o funcionamento psíquico além dos limites da psiquiatria, marcando o início da evolução da psicoterapia (Siqueira, 1989). Alguns estudos sobre a autolesão foram realizados sob a ótica psicanalítica, como “O Corpo na Contemporaneidade: notas preliminares sobre a prática de autolesão em adolescentes”, de Brandao Junior e Canavêz (2018).

Edmund Husserl, por sua vez, expandiu a Fenomenologia, que descreve os fenômenos na intencionalidade da consciência, termo que diverge das ideias da psicanálise, pois não consiste em uma estrutura intrapsíquica pré estabelecida, mas na intencionalidade do sujeito - consciência de algo (MOREIRA, 2010). No entanto, a Fenomenologia de Husserl enfrentou desafios na aplicação à Psicologia. Martin Heidegger contribuiu transformando-a em hermenêutica, indo além da mera interpretação e considerando a facticidade e a historicidade que dão sentido às historicidade e a temporalidade. Heidegger argumenta que o ser humano é preenchido por um horizonte contínuo de passado, presente e futuro, que dá abertura para todos os outros fenômenos. O *Dasein* (ser-aí) nos mostra que não é possível separar o sujeito do mundo, pois o sujeito só pode existir nele (Heidegger, 1927). E, ao contrário de outros entes, o *Dasein* tem o fardo e a responsabilidade de garantir o seu “poder ser”. Heidegger também introduziu o conceito de autenticidade, no qual o indivíduo assume responsabilidade por suas escolhas e ações, vivendo de acordo com seus valores, em contraposição à inautenticidade, em que as pessoas se conformam às expectativas sociais.

Heidegger propõe uma hermenêutica da facticidade, que destaca a coisas (Moreira, 2010). Enquanto Husserl se concentrou na consciência, Heidegger enfatizou a importância do contexto histórico e cultural na compreensão do ser humano. Isso tem implicações significativas na psicoterapia, permitindo explorar a autenticidade e inautenticidade dos pacientes, compreender o significado temporal de suas experiências e lidar com a angústia inerente à condição finita do ser humano.

Em complemento ao percurso de afluência da Fenomenologia, seu contemporâneo, Merleau-Ponty (1945, 1999), também explora o ser-no-mundo, porém com enfoque no veículo que nos possibilita ser - o corpo. Para ele, o corpo é parte integrante da percepção e da experiência, estando em dialética com o psiquismo, não sendo entes separados. Dessa forma, ele contraria a noção de consciência como um conjunto de impressões sensoriais, já que o corpo não é um simples abrigo de uma consciência controlado por forças externas. Durante seus estudos, Merleau-Ponty analisa a relação entre a consciência e a natureza orgânica, resultando em questionamentos das leis da causalidade aplicadas ao comportamento humano.

Em sua principal obra, “Fenomenologia da Percepção” (1945, 1999), Merleau-Ponty reafirma seu pensamento de que o comportamento não é resultado de causas fixadas da estrutura orgânica, mas sim intrínseco ao meio no qual o corpo atua através das sensações. Seu trabalho constitui uma análise profunda da relação entre o sujeito, o corpo e o mundo, considerando o corpo como a nossa expressão do mundo, e a percepção como a base de toda experiência. A percepção, segundo ele, precede a reflexão, pois está relacionada à experiência que o sujeito absorve do mundo através das sensações, ou seja, através do corpo.

Portanto, a Fenomenologia conforme segmentada por Merleau-Ponty (1945, 1999) será a base para analisar e compreender os dados referentes ao fenômeno da autolesão. O objetivo é ressaltar a singularidade de cada experiência na corporeidade, abdicando-se de conceitos pré-formados sobre o fenômeno que não abrangem sua infinita complexidade. Assim, será proporcionada uma visão que considera a historicidade e as esferas que se entrecruzam na vida da adolescente, conferindo sentido à prática autolesiva. A obra “Fenomenologia da Percepção” (1945, 1999), poderá abranger de forma mais profunda as dimensões dessa prática, focando na experiência subjetiva e na relação entre o corpo, a mente e o mundo.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral**

Este estudo buscou, a partir de uma visão *Merleau-Pontyana*, compreender os fatores de corporeidade na existência humana que levam o sujeito praticante da autolesão escolher seu próprio corpo como alvo.

### **2.2 Objetivos específicos**

1. Entender as motivações e funções da ALNS para as pessoas que a experienciam.
2. Entender a autolesão nas diversas facetas da corporeidade.
3. Proporcionar uma visão do fenômeno centrada na experiência do indivíduo que realiza a prática.

### 3. MÉTODO

A pesquisa foi de levantamento teórico e de abordagem qualitativa e utilizou-se de conteúdos extraídos de livros e artigos encontrados em bases de dados como *Scielo*, *BVS*, *Pepsic*, *Google Acadêmico*, *Lilacs*, além do livro “A Fenomenologia da Percepção”.

O método fenomenológico sustentou a análise e discussão dos conteúdos elegidos, considerando a compreensão sobre o modo como os fenômenos se mostram, sem recorrer a conceitos pré-estabelecidos ao seu respeito, buscando sua essência.

A posição fenomenológica para a análise baseou-se na primeira parte do livro “Fenomenologia da Percepção” - “O Corpo”, de Maurice Merleau-Ponty (1945, 1999), que possibilitou analisar a expressão do sofrimento através do próprio corpo e entender os sentidos manifestos antes, durante e depois do ato. O sentido, neste contexto, refere-se ao horizonte de projeto que possibilita a ação de autolesão, buscando um entendimento mais profundo do fenômeno e explorando a expressão do sofrimento no próprio corpo.

Foram utilizados 60 artigos na à respeito da autolesão pesquisa, disponibilizados nas bases *Scielo.org*, *Pepsic*, *BVS*, e *Google Acadêmico*. As palavras-chave utilizadas na busca foram *Autolesão OR Automutilação OR Self Injury OR Cutting AND Historiografia OR História OR Dados OR Adolescência OR Relatos OR Motivos OR Prevalência*. Também foram utilizadas pesquisas encontradas a partir das palavras-chave *Mutilação OR Punição AND Igreja OR Instinto de Sobrevivência*. Os artigos foram selecionados no período de 6 meses.

Além disso, foram selecionados cinco recortes de relatos da Rede Social X (antigo *Twitter*) de pessoas que se autolesionam, dada a possibilidade de acesso à publicações mais recentes e de cunho mais intimista, com conteúdos espontâneos e em teor de desabafos. Todos esses recortes pertencem ao ano de 2024.

**Quadro 01 – Artigos sobre a autolesão por ordem cronológica de publicação**

Ano	Título do artigo	Autoria	Link de Acesso
1983	The deliberate self-harm syndrome	PATTINSON, E. M.; KAHAN, J.	<a href="https://ajp.psychiatryonline.org/doi/10.1176/ajp.140.7.867?url_ver=Z39.88-2003&amp;rfr_id=ori:rid:crossref.org&amp;rfr_dat=cr_pub%20%20pubmed">https://ajp.psychiatryonline.org/doi/10.1176/ajp.140.7.867?url_ver=Z39.88-2003&amp;rfr_id=ori:rid:crossref.org&amp;rfr_dat=cr_pub%20%20pubmed</a>
2007	The functions of deliberate self-injury	KLONSKY, E. D.	<a href="https://www2.psych.ubc.ca/~klonsky/publications/functions_2007.pdf">https://www2.psych.ubc.ca/~klonsky/publications/functions_2007.pdf</a>
2009	Condutas autolesivas entre detentas da Colônia Penal Feminina do Recife	CALDAS, M. T. et al.	<a href="https://www.scielo.br/j/pe/a/ScCjqfYgZfr5ZVDf6YTRXQd/abstract/?lang=pt">https://www.scielo.br/j/pe/a/ScCjqfYgZfr5ZVDf6YTRXQd/abstract/?lang=pt</a>
2010	The Discourse of Cutting: A Study of Visual Representations of Self-Injury on the Internet	STERNUDD, H.	<a href="https://mau.diva-portal.org/smash/get/diva2:1406417/FULLTEXT01.pdf">https://mau.diva-portal.org/smash/get/diva2:1406417/FULLTEXT01.pdf</a>
2010	Auto-lesão, auto-mutilação e auto-agressão. A mesma definição?	ALMEIDA, C. M.; HORTA, P.	<a href="https://www.medicina.ulisboa.pt/newsfmul-artigo/16/auto-lesao-auto-mutilacao-e-auto-agressao-mesma-definicao">https://www.medicina.ulisboa.pt/newsfmul-artigo/16/auto-lesao-auto-mutilacao-e-auto-agressao-mesma-definicao</a>
2011	Non-suicidal self-injury in United States adults	KLONSKY, E. D.	<a href="https://www2.psych.ubc.ca/~klonsky/publications/Klonsky2011.pdf">https://www2.psych.ubc.ca/~klonsky/publications/Klonsky2011.pdf</a>
2011	Non-suicidal and suicidal self-injurious behavior among Flemish adolescents	BAETENS, I.; CLAES, L.; MUEHLENKAMP, J.; GRIETENS, H.; ONGHENA, P.	<a href="https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21294000/">https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21294000/</a>
2011	The relationship between non-suicidal self-injury and temperament in male and female Adolescents bases no child and parent report	BAETENS, I.; CLAES, L.; WILLEM, L.; MUEHLENKAMP, J.; BIJTTEBIER, P.	<a href="https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0191886910005544?via%3Dihub">https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0191886910005544?via%3Dihub</a>
2011	Prevalence and clinical correlates of deliberate self-harm among a community sample of Italian adolescents	CERUTTI, R.; MANCA, M.; PRESAGHI, F.; GRATZ, K. L.	<a href="https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0140197110000527?via%3Dihub">https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0140197110000527?via%3Dihub</a>

2011	Deliberate self-harm behaviors in Chinese adolescents and young adults	WAN, Y. H.; HU C. L.; HAO, J. H.; SUN, Y.; TAO, F. B.	<a href="https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21866416/">https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21866416/</a>
2011	Sexual attraction, depression, self-harm, suicidality and help-seeking behaviour in New Zealand secondary school students	LUCASSEN, M. F.; MERRY, S. N.; ROBINSON, E. M.; DENNY, S.; CLARK, T.; AMERATUNGA, S.; CRENGLE, S.; ROSSEN, F. V.	<a href="https://oro.open.ac.uk/43961/7/Approved%20Manuscript%20%28M%20Lucassen%20et%20al.%20ANZJP%202011_Sexual%20attraction%20C%20depression%20C%20self-harm%20C%20suicidality%20and%20help-seeking%20behaviour%20in%20NZ%20secondary%20school%20students%29.pdf">https://oro.open.ac.uk/43961/7/Approved%20Manuscript%20%28M%20Lucassen%20et%20al.%20ANZJP%202011_Sexual%20attraction%20C%20depression%20C%20self-harm%20C%20suicidality%20and%20help-seeking%20behaviour%20in%20NZ%20secondary%20school%20students%29.pdf</a>
2011	Depressive Symptoms and Deliberate Self-Harm in a Community Sample of Adolescents: A Prospective Study	LUNDH, L. G.; WÅNGBY-LUNDH, M.; PAASKE, M., INGESSON, S.; BJÄREHED, J.	<a href="https://downloads.hindawi.com/journals/drt/2011/935871.pdf?_gl=1*2s45ib*_ga*MTQ3MTAxOTc5Ni4xNzE2NDk5Njcx*_ga_NF5QFMJT5V*MTcxNjQ5OTY3MC4xLjAuMTcxNjQ5OTY3MC42MC4wLjA.&amp;_ga=2.198411559.926581687.1716499671-1471019796.1716499671">https://downloads.hindawi.com/journals/drt/2011/935871.pdf?_gl=1*2s45ib*_ga*MTQ3MTAxOTc5Ni4xNzE2NDk5Njcx*_ga_NF5QFMJT5V*MTcxNjQ5OTY3MC4xLjAuMTcxNjQ5OTY3MC42MC4wLjA.&amp;_ga=2.198411559.926581687.1716499671-1471019796.1716499671</a>
2011	The prevalence of non-suicidal self-injury and different subgroups of self-injurers in Chinese adolescents	YOU, J.; LEUNG, F.; FU, K; LAI, C. M.	<a href="https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13811118.2011.540211">https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13811118.2011.540211</a>
2011	The relationship between non-suicidal self-injury and temperament in male and female adolescents based on child- and parent-report	BAETENS, I.; CLAES, L.; WILLEM, L.; MUEHLENKAMP, J.; BIJTTEBIER, P.	<a href="https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0191886910005544">https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0191886910005544</a>
2012	Exploring the reciprocal relations between nonsuicidal self- injury, negative emotions and relationship problems in Chinese adolescents: a longitudinal cross-lag study	YOU, J.; LEUNG, F.; FU, K.	<a href="https://link.springer.com/article/10.1007/s10802-011-9597-0">https://link.springer.com/article/10.1007/s10802-011-9597-0</a>

2012	Self-cutting and suicidal ideation among adolescents: Gender differences in the causes and correlates of self-injury	BAKKEN, N. W.; GUNTER, W. D.	<a href="https://www.researchgate.net/publication/239793597_Self-Cutting_and_Suicidal_Ideation_among_Adolescents_Gender_Differences_in_the_Causes_and_Correlates_of_Self-Injury">https://www.researchgate.net/publication/239793597_Self-Cutting_and_Suicidal_Ideation_among_Adolescents_Gender_Differences_in_the_Causes_and_Correlates_of_Self-Injury</a>
2012	Funções neuropsicológicas associadas a condutas autolesivas: revisão integrativa de literatura	ARCOVERDE, R. L.; SOARES, L. S.	<a href="https://www.scielo.br/j/prc/a/wPRTvMq4r59NXnkFGwCRFg/?format=pdf&amp;lang=pt">https://www.scielo.br/j/prc/a/wPRTvMq4r59NXnkFGwCRFg/?format=pdf&amp;lang=pt</a>
2012	International prevalence of adolescent non-suicidal self-injury and deliberate self-harm	MUEHLENKAMP, J. J., CLAES, L. HAVERTAPE, L. PLENER, P. L.	<a href="https://capmh.biomedcentral.com/counter/pdf/10.1186/1753-2000-6-10.pdf">https://capmh.biomedcentral.com/counter/pdf/10.1186/1753-2000-6-10.pdf</a>
2012	The prevalence and distribution of self-harm among Danish high school students	MØHL, B.; SKANDSEN, A.	<a href="https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/pmh.191">https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/pmh.191</a>
2012	The natural history of self-harm from adolescence to young adulthood: a population-based cohort study	MORAN, P.; COFFEY, C.; ROMANIUK, H.; OLSSON, C.; BORSCHMANN, R.; CARLIN, J. B.; PATTON, G. C.	<a href="https://blogs.rch.org.au/cah/files/2011/11/The-natural-history-of-self-harm-from-adolescence-to-young.pdf">https://blogs.rch.org.au/cah/files/2011/11/The-natural-history-of-self-harm-from-adolescence-to-young.pdf</a>
2013	Dor e Gozo: relatos de mulheres jovens sobre automutilações	CEDARO, J. J.; NASCIMENTO, J. P. G.	<a href="https://www.scielo.br/j/pusp/a/QV3pD3ctWG9jzsZSgg6n9WP/abstract/?lang=pt">https://www.scielo.br/j/pusp/a/QV3pD3ctWG9jzsZSgg6n9WP/abstract/?lang=pt</a>
2014	A Longitudinal Person-Centered Examination of Nonsuicidal Self-injury Among University Students	HAMZA C. A; WILLOUGHBY T. J.	<a href="https://www.csmh.uwo.ca/docs/publications/Hamza%20and%20Willoughby%202014.pdf">https://www.csmh.uwo.ca/docs/publications/Hamza%20and%20Willoughby%202014.pdf</a>
2014	Deliberate self-harm and associated factors in 17-year-old Swedish students	LANDSTEDT, E.; GADIN, K. G.	<a href="https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1403494810382941">https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1403494810382941</a>

2014	Non-suicidal self-injury in Latin America	THYSSEN, L. S.; CAMP, I. V.	<a href="https://www.redalyc.org/pdf/582/58231307009.pdf">https://www.redalyc.org/pdf/582/58231307009.pdf</a>
2014	Factors associated with the development of self-harm amongst a socio-economically deprived cohort of adolescents in Santiago, Chile	SPEARS, M.; MONTGOMERY, A. A.; DAVID GUNNELL, D.; ARAYA, R.	<a href="https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3969808/">https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3969808/</a>
2014	Prevalence of DSM-IV mental disorders, deliberate self-harm and suicidal ideation in early adolescence: an Irish population-based study	COUGHLAN, H.; TIEDT, L.; CLARKE, M.; KELLEHER, I.; TABISH, J.; MOLLOY, C.; HARLEY, M.; CANNON, M.	<a href="https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24331299/">https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24331299/</a>
2014	Prevalence of nonsuicidal self-injury in nonclinical samples: systematic review, meta-analysis and meta-regression	SWANNELL, S. V.; MARTIN, G. E.; PAGE, A.; HASKING, P.; JOHN, N. J.	<a href="https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/sltb.12070">https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/sltb.12070</a>
2015	Cortes: O discurso sobre a autolesão feminina no tumblr	OTTO, S. C.; SANTOS, K. A.	<a href="https://seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/download/7349/6477/36054">https://seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/download/7349/6477/36054</a>
2015	Frequency and functions of non-suicidal self-injury: Associations with suicidal thoughts and behaviors	PAUL, E.; TSYPES, A.; EIDLITZ, L.; ERNHOUT, C.; WHITLOCK, J.	<a href="https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0165178114010191?via%3Dihub">https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0165178114010191?via%3Dihub</a>
2016	Automutilação: intensidade dolorosa, fatores desencadeantes e gratificantes	VIEIRA, M. G. et al.	<a href="https://www.scielo.br/j/rdor/a/YY3M9NNjQmymdFGzh758Pck/?format=pdf&amp;lang=pt">https://www.scielo.br/j/rdor/a/YY3M9NNjQmymdFGzh758Pck/?format=pdf&amp;lang=pt</a>
2016	Deliberate self-harm among Chinese medical students: A population-based study	WU, D.,, ROCKETT, I.R.; YANG, T.,, FENG, X.,; JIANG, S.,; YU, L.	<a href="https://europepmc.org/article/med/27262635">https://europepmc.org/article/med/27262635</a>
2017	Marcas na pele: A autolesão sob a ótica da Gestalt-Terapia	COUTO, D. L.; CUNHA, L. S. P.	<a href="http://pepsic.bvsalud.org/pdf/igt/v14n27/v14n27a07.pdf">http://pepsic.bvsalud.org/pdf/igt/v14n27/v14n27a07.pdf</a>

2017	A prática de autolesão em jovens: uma dor a ser analisada	BARBOSA, V. S.	<a href="http://www.revenf.bvs.br/pdf/reme/v23/1415-2762-reme-23-e1240.pdf">http://www.revenf.bvs.br/pdf/reme/v23/1415-2762-reme-23-e1240.pdf</a>
2017	Non-suicidal self-injury in a New Zealand student population	FITZGERALD, J.; CURTIS, C.	<a href="https://researchcommons.waikato.ac.nz/handle/10289/12652">https://researchcommons.waikato.ac.nz/handle/10289/12652</a>
2017	Nonsuicidal Self-injury: a Systematic Review	CIPRIANO, A., CELLA, S., COTRUFO, P.	<a href="https://www.frontiersin.org/journals/psychology/articles/10.3389/fpsyg.2017.01946/pdf?isPublishedV2=false">https://www.frontiersin.org/journals/psychology/articles/10.3389/fpsyg.2017.01946/pdf?isPublishedV2=false</a>
2018	Autolesão sem intenção suicida entre adolescentes	FONSECA, P. H. N., et al.	<a href="http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arb/v70n3/17.pdf">http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arb/v70n3/17.pdf</a>
2018	Automutilação em adolescentes e aspectos psicológicos: Revisão integrativa	SEKINE, A. B.; ALMEIDA, F. G., MORILHA, T. H. M.	<a href="https://seer.unifunec.edu.br/index.php/ASP/article/view/3438">https://seer.unifunec.edu.br/index.php/ASP/article/view/3438</a>
2018	Do corpo objeto ao corpo vivido: aproximações entre automutilação e fenomenologia	REIS, C. E. S.	<a href="http://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/download/553/729/2471">http://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/download/553/729/2471</a>
2019	A prática de autolesão em jovens: uma dor a ser analisada	BARBOSA, V. et al.	<a href="https://cdn.publisher.gn1.link/reme.org.br/pdf/e1240.pdf">https://cdn.publisher.gn1.link/reme.org.br/pdf/e1240.pdf</a>
2020	Trabalho em Saúde Mental durante a COVID-19: manejo de pacientes com risco	RÜCKERT, M. L. T.; GONÇALVES, T. R.; CARLOTO, M. S.	<a href="https://online.unisc.br/seer/index.php/psi/article/download/17926/10784">https://online.unisc.br/seer/index.php/psi/article/download/17926/10784</a>
2020	Comportamento autolesivo em adolescentes de escola pública	SANTOS, J. H. et al.	<a href="https://downloads.editoracientificacom.br/articles/200901401.pdf">https://downloads.editoracientificacom.br/articles/200901401.pdf</a>
2020	Autolesão provocada em adolescentes: o fenômeno da ideação suicida em uma escola pública no interior do estado do Rio Grande do Sul	RODRIGUES, B. V.	<a href="https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/20092/TCCE_RMIGAHSP_S_2020_RODRIGUES_BRUNO.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y">https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/20092/TCCE_RMIGAHSP_S_2020_RODRIGUES_BRUNO.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y</a>
2020	Autolesão Não Suicida na Adolescência	SILVA, T. M. M.; SCHOEN, T. H	<a href="https://downloads.editoracientificacom.br/articles/200901401.pdf">https://downloads.editoracientificacom.br/articles/200901401.pdf</a>

2020	Abuse, self-harm and suicidal ideation in the UK during the COVID-19 pandemic.	LOB, E.; STEPTOE, A.; FANCOURT, D.	<a href="https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32654678/">https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32654678/</a>
2020	Caneta é a lâmina, minha pele o papel”: fatores de risco da automutilação em adolescentes	MORAES, D. X.; MOREIRA, E. S.; SOUSA, J. M.; VALE, R. R. M.; PINHO, E. S.; DIAS, P. C. S.; CAIXETA, C. C.	<a href="https://www.scielo.br/j/reben/a/PHCSPVm5wQncdn6LfdxWV9K/?format=pdf&amp;lang=pt">https://www.scielo.br/j/reben/a/PHCSPVm5wQncdn6LfdxWV9K/?format=pdf&amp;lang=pt</a>
2020	Non-suicidal self-injury in developing countries: a review	THIPPAIAH, S. M.; NANJAPPA, M. S.; GUDE, J. G.; VOYIAZIAKIS, E.; PATWA, S.; BIRUR, B.; PANDURANGI, A.	<a href="https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0020764020943627">https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0020764020943627</a>
2020	AUTOMUTILAÇÃO EM ADOLESCENTES E ADULTOS JOVENS NA PANDEMIA POR COVID-19: relato de três casos	NASCIMENTO, J. K. F.; NUNES, N. S. M.; ORSINI, M.; MUHLBAUER, J. F. E.	<a href="http://portal.amelica.org/ameli/jatsRpo/353/3531773010/3531773010.pdf">http://portal.amelica.org/ameli/jatsRpo/353/3531773010/3531773010.pdf</a>
2021	Non-suicidal self-injury among first-year college students and its association with mental disorders: resulta foram the World Mental Health International College Student (WMH ICS) initiative	KIEKENS, G. et al.	<a href="https://www.cambridge.org/core/journals/psychological-medicine/article/abs/nonsuicidal-selfinjury-among-first-year-college-students-and-its-association-with-mental-disorders-results-from-the-world-mental-health-international-college-student-wmhics-initiative/8B000FE1266F21E4D83A88A0B05FAEFD">https://www.cambridge.org/core/journals/psychological-medicine/article/abs/nonsuicidal-selfinjury-among-first-year-college-students-and-its-association-with-mental-disorders-results-from-the-world-mental-health-international-college-student-wmhics-initiative/8B000FE1266F21E4D83A88A0B05FAEFD</a>
2021	Autolesão na adolescência e a produção científica nacional: revisão integrativa da literatura	FERREIRA, L. S. <i>et al.</i>	<a href="https://www.researchgate.net/publication/358161201_Autolesao_na_adolescencia_e_a_producao_cientifica_nacional_revisao_integrativa_da_literatura">https://www.researchgate.net/publication/358161201_Autolesao_na_adolescencia_e_a_producao_cientifica_nacional_revisao_integrativa_da_literatura</a>

2021	Automutilação na adolescência: compreendendo a prática entre alunos de uma escola privada de Natal/RN	FREITAS, M. H. O.; BEZERRA, L. R.	<a href="https://portal.epitaya.com.br/index.php/ebooks/article/download/259/212/750">https://portal.epitaya.com.br/index.php/ebooks/article/download/259/212/750</a>
2021	Automutilação: um estudo sobre a representação da autolesão em uma comunidade virtual de praticantes	FABBRINI, F. M. B. N.	<a href="https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/26270/1/Felipe%20Moreira%20Borges%20Nascimento%20Fabbrini.pdf">https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/26270/1/Felipe%20Moreira%20Borges%20Nascimento%20Fabbrini.pdf</a>
2021	As principais causas que levam a automutilação em adolescentes: uma revisão integrativa	OLIVEIRA, A.; SOUZA, S. B.; COSTA, N. M.	<a href="https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/7991/4965">https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/7991/4965</a>
2022	Self-injury prevalence in adolescents: A global Systematic review and meta-analysis	LUCENA, N. L., ROSSI, T. A., AZEVEDO, L. M. G., PEREIRA, M.	<a href="https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0190740922002705">https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0190740922002705</a>
2022	Autolesão em estudantes adolescentes de uma escola pública	RIBEIRO, A. C. O. P.; LEITE, R. F. D.; COUTO, V. V. D.	<a href="https://www.bivipsi.org/wp-content/uploads/2022-refacs-v10-n1-13.pdf">https://www.bivipsi.org/wp-content/uploads/2022-refacs-v10-n1-13.pdf</a>
2022	Autolesão em estudantes adolescentes de uma escola pública	RIBEIRO, A. C. O. P.; LEITE, R. F. D.; COUTO, V. V. D.	<a href="https://www.bivipsi.org/wp-content/uploads/2022-refacs-v10-n1-13.pdf">https://www.bivipsi.org/wp-content/uploads/2022-refacs-v10-n1-13.pdf</a>
2022	Automutilação e Suicídio na Adolescência	SILVA, M. G.; SOUZA, N. D. B.; CABRAL, M. C. C. A.	<a href="https://anaisonline.uems.br/index.php/enic/article/view/8746">https://anaisonline.uems.br/index.php/enic/article/view/8746</a>
2022	As políticas públicas de saúde no Brasil e o enfrentamento à autolesão e à violência contra as mulheres	MARTINS, D. M.; SOUZA, E. S.	<a href="https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/47081/pdf">https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/47081/pdf</a>

2023	Global prevalence of self-harm during the COVID-19 pandemic: a systematic review and meta-analysis	CHENG, H., WANG, D., WANG, L., QU, Y.	<a href="https://link.springer.com/content/pdf/10.1186/s40359-023-01181-8.pdf">https://link.springer.com/content/pdf/10.1186/s40359-023-01181-8.pdf</a>
2023	Perfil epidemiológico de lesões autoprovocadas no Estado do Piauí entre 2017 e 2021	MIRANDA, M. C. L. B.; SOUSA, J. G.; LIMA, M. B.	<a href="https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/41124/33602/439916">https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/41124/33602/439916</a>
2023	Autolesão não suicida em universitários: estudo exploratório	PEDROSO, M. E.	<a href="https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/269920/Resumo_82795.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y">https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/269920/Resumo_82795.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y</a>

**Fonte:** autoria própria, 2024

Também foram selecionados quatorze (14) materiais como Monografias, Teses e Dissertações que pudessem embasar este estudo:

**QUADRO 02** – Monografias, Teses e Dissertações sobre a autolesão em ordem cronológica de publicação

Ano	Título da Monografia / Tese / Dissertação	Autor	Link De acesso
2010	A experiência e a prática da automutilação entre jovens mulheres: a travessia e os ruídos da dor, na contemporaneidade	LUNA, D. B.	<a href="https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/995">https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/995</a>
2011	Análise exploratória sobre o sintoma de automutilação praticada com objetos cortantes e/ou perfurantes, através de relatos expostos na internet por um grupo brasileiro que se define como praticante de automutilação	DINAMARCO, A. V.	<a href="https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-06092011-162704/pt-br.php">https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-06092011-162704/pt-br.php</a>
2012	À flor da pele: Algumas reflexões a propósito de um estudo de caso sobre autolesão	BORGES, C. N. L.	<a href="https://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/2282">https://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/2282</a>
2013	Automutilação: características clínicas e comparação com pacientes com transtorno obsessivo compulsivo	GIUSTI, S.	<a href="https://teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-03102013-113540/publico/JackelineSuzieGiusti.pdf">https://teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-03102013-113540/publico/JackelineSuzieGiusti.pdf</a>
2013	Corpos marcados: adolescência e ideais na contemporaneidade	GEA, M. R.	<a href="https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/6447/1/Corpos%20marcados%3A%20adolescência%20e%20ideais%20na%20contemporaneidade.pdf">https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/6447/1/Corpos%20marcados%3A%20adolescência%20e%20ideais%20na%20contemporaneidade.pdf</a>
2014	Comportamentos Autolesivos Em Adolescentes: características epidemiológicas e análise De Fatores psicopatológicos,	GUERREIRO, D. F.	<a href="https://repositorio.ul.pt/handle/10451/11457">https://repositorio.ul.pt/handle/10451/11457</a>

	Temperamento Efetivo e estratégias De Coping		
2016	“Vocês acham que me corto por diversão?” – Adolescentes e a prática da automutilação.	GONÇALVES, J.N.	<a href="https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/20878/5/VocesAchamQue.pdf">https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/20878/5/VocesAchamQue.pdf</a>
2018	Angústias da Automutilação	MORAES, W. C.	<a href="http://186.251.225.226:8080/handle/123456789/129">http://186.251.225.226:8080/handle/123456789/129</a>
2018	Gritos Silenciosos: Quando as impossibilidades de simbolização de conflitos retornam ao corpo - automutilação na adolescência	RODRIGUES, P. P.	<a href="https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-AYVFK7">https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-AYVFK7</a>
2018	Mensagens sobre escarificações na internet: um estudo psicanalítico	FERREIRA, J.	<a href="https://periodicos.uff.br/ayvu/article/view/22243">https://periodicos.uff.br/ayvu/article/view/22243</a>
2020	Uma fenomenologia da escuta com pessoas que se autolesionam na Clínica em Psicologia do NPA/UFMA	MARTINS, D. M.	<a href="https://rosario.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/4293/1/DayseMartins.pdf">https://rosario.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/4293/1/DayseMartins.pdf</a>
2021	Historiografia das práticas de automutilação: produção de sentidos em narrativas de jovens no ensino superior	ALMEIDA, R. S.	<a href="https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/123456789/10628/1/Historiografia%20das%20práticas%20de%20automutilação%20-produção%20de%20sentidos%20em%20narrativas%20de%20jovens%20no%20ensino%20superior.pdf">https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/123456789/10628/1/Historiografia%20das%20práticas%20de%20automutilação%20-produção%20de%20sentidos%20em%20narrativas%20de%20jovens%20no%20ensino%20superior.pdf</a>
2021	Autolesão não suicida: bibliometria e descrição do comportamento em estudantes de graduação	BANDEIRA, B. E. S.	<a href="https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1165272">https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1165272</a>
2023	Explorar o efeito de contágio na prática de comportamentos não suicidas de autolesão em adolescentes	SILVA, M. V. A. P.	<a href="https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/40175/1/203209389.pdf">https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/40175/1/203209389.pdf</a>

Fonte: Autoria própria, 2024

## 4. A AUTOLESÃO

### 4.1 Historiografia da autolesão

Ao contrário do que se costuma pensar, a autolesão não surgiu nos últimos anos, embora haja um aumento das notificações de casos e da mobilização resultante desse fenômeno. Entretanto, não há um consenso sobre seu surgimento, já que temos registros de diversas épocas e culturas dessa prática em diferentes contextos (Almeida, 2021).

A mitologia e a religião, por exemplo, ilustram histórias de automutilação por motivos variados, como autopunição e tentativa de redenção por pecados cometidos. Moraes (2018) menciona o deus fenício da cura, Eshmun, que, após ser assediado pela deusa Astronoe, castra-se e morre, sendo ressuscitado por ela como o deus Paneon (Curador).

A Bíblia, livro sagrado para o Catolicismo, também aborda o tema da automutilação como forma de purificação dos pecados. No Evangelho de São Matheus (versículo 18, capítulos 8 e 9), por exemplo, ele impõe que qualquer parte do corpo que nos fizer pecar deve ser arrancada, ou entraremos no fogo do inferno (BÍBLIA, 2013 apud ALMEIDA, 2021, p. 16). Aqui é possível entender a automutilação utilizada pela Igreja como uma forma de poder e controle, com a promessa de conseguir chegar no céu após a morte.

O cristianismo, durante o Império Romano, colocou como papel principal do ser humano servir às "Leis" de Deus, até mesmo em detrimento do seu bem-estar. Mateus exemplifica perfeitamente a ideia de que é melhor estar machucado e ser salvo do que estar bem e não atingir a salvação (Falcão, 2021). Esse ideal de autopunição ainda influencia até hoje certos praticantes da autolesão, independente de sua crença.

A ideia de pecado torna-se o protagonista da existência humana, especialmente durante a Idade Média (476 d.C a 1573 d.C), resultando em práticas como tortura e assassinato, além da visão do corpo como uma prisão terrena e precursora do pecado. Os padres recorriam às autocastrações para evitar pecar, uma prática substituída pelo celibato posteriormente. Os desejos carnis,

mencionados por Almeida (2021), ilustram bem a relação entre corpo e alma, vista como inseparável do pecado. Essas formas de autoflagelo tinham como objetivo tornar os cristãos mais submissos a Deus e quitar as dívidas que acreditavam ter com Ele, e alguns exemplos eram chicoteamento, escapulários de crina e cilícios que comprimiam a cintura e os braços (Palau, 2007).

O significado atribuído à autolesão fazia referência ao sofrimento de Cristo na Cruz (Barbosa; Matos; Costa, 2011), e Palau (2007) afirma que, em alguns casos, a prática só cessava com a efusão de sangue. É interessante pensarmos sobre a importância do sangue nesse contexto, em contraste com relatos que veremos mais à frente de uma sensação de alívio nos praticantes ao ver o sangue escorrendo. Lopes (2012) relaciona o sangue, visto como purificador na religião judaico-cristã, à vida, fertilidade e sacrifício, enfatizando seu simbolismo é representado no vinho presente em quase todos os ritos da religião.

Na Idade Moderna (que durou do ano 1473 d.C até o ano 1789 d.C), a Revolução Industrial e seus desdobramentos alteraram rapidamente o sentido do corpo humano, transformando-o de um veículo pecaminoso para uma máquina de trabalho, sujeita a testes que avaliaram seu limite na capacidade de produção. A moral religiosa cedeu lugar à uma visão laica do mundo, e a possível ida ao inferno não podia mais ser usada como forma de manipulação da população (Reis, 2018).

Entretanto, essa mudança não foi necessariamente positiva, já que a ausência de um Deus gerou uma sensação de desamparo com relação à vida e à finitude do ser humano. O corpo passou a ser regido pelos interesses do sistema capitalista a partir de movimentos repetitivos e uma ordem disciplinante, e a salvação à qual o ser humano se agarrava foi aos poucos se enfraquecendo.

Na Idade Contemporânea (1789 d.C até os dias atuais), o corpo tornou-se um objeto de consumo mercantilizado pela burguesia (Almeida, 2021). Nessa época, surgem os primeiros registros de estudos sobre as práticas de autolesão nos Estados Unidos, observados em pacientes psicóticos (Rodrigues, 2018). Essas lesões variavam de furos com agulhas até a retirada de partes do próprio corpo, causadas por alucinações e ilusões religiosas. Deparamo-nos com casos graves como as “mulheres agulha”, dentre elas uma jovem com 217 agulhas no corpo em 18 meses e uma viúva de 48 anos que arrancou seus próprios olhos (enucleação), justificando que eles a faziam desejar homens e pecar (Moraes, 2018).

Nos estudos sobre autolesão, Giusti (2013) aponta o pioneirismo do psicanalista norte-americano Karl Menninger (1893 - 1990), que argumentava que essa prática buscava evitar o suicídio e proporcionar alívio emocional. A partir dos anos 1970, a autolesão chamou a atenção da comunidade médica, especialmente devido ao aumento dos cortes nos punhos a partir de 1960, resultando no surgimento do termo "Síndrome de Cortador de Punhos". Giusti também menciona o primeiro artigo descrevendo a "Síndrome da Autolesão Deliberada" em 1983, caracterizada por episódios de autolesão de baixa letalidade seguidos de sensação de alívio, sem intenção suicida. Por outro lado, o psiquiatra Armando Favazza (1987) introduziu o termo "Síndrome de Automutilação Repetitiva" (1993) para categorizá-la entre os distúrbios de controle de impulsos.

Falcão (2021) amplia a discussão sobre a autolesão, mencionando exemplos além do "cutting", como os *"pés de lótus"* na cultura chinesa. Nessa prática, mulheres deformavam os pés com sapatos minúsculos para se adequar a padrões estéticos e culturais, evidenciando a busca por aceitação social e cultural como motivação para essa forma de autolesão.

É fundamental considerar que a autolesão está presente em rituais de diversos povos e culturas até os dias de hoje, como evidenciado em algumas tribos durante rituais de passagem da adolescência para a idade adulta. Um exemplo disso é observado na tribo de Matausa, em Papua Nova Guiné, onde existe um ritual de iniciação que envolve a expulsão de todo o sangue "feminino" supostamente herdado da mãe para que os jovens sejam reconhecidos como 100% homens. Isso é feito inserindo vários metros de cana em suas gargantas para causar sangramento no esôfago e estômago, a fim de regurgitar esse sangue considerado "impuro". Além disso, são alvejados repetidamente por flechas na língua para purificar o corpo de contaminação por alimentos considerados femininos, e juncos afiados são inseridos em suas narinas para eliminar contaminantes femininos que possam ter sido inalados (Lopes, 2012).

Por outro lado, uma prática culturalmente controversa que afeta principalmente as mulheres é a circuncisão feminina, que envolve a mutilação de partes da genitália, incluindo a remoção do clitóris e, em casos extremos, a costura da vagina. Esse procedimento é realizado com o objetivo de preservar a virgindade da mulher até o casamento, momento em que o homem pode cortar a costura para consumir o casamento, sem que a mulher possa experimentar prazer sexual. Em

contraste, a circuncisão masculina é mais amplamente aceita, muitas vezes realizada por motivos religiosos, como na tradição judaica, e envolve apenas a remoção do prepúcio do órgão genital masculino (Falcão, 2021).

Uma distinta diferença no significado dessas formas de autolesão em relação aos rituais de passagem é observada: nesses ritos, os significados são transmitidos de geração em geração, carregando profundas conotações culturais daquela sociedade. Isso contrasta com a utilização dessa prática como meio de aliviar sofrimentos psicológicos nos tempos atuais (SEKINE, 2018).

## 4.2 Nosografia da autolesão

### 4.2.1 Conceito

A autolesão não suicida (ANLS) ou *non suicidal self injury* (NSSI) é definida por Klonsky (2014) como a destruição intencional do próprio tecido corporal sem a intenção de cometer suicídio com o ato. Exemplos mais comuns incluem o *cutting* (cortes com lâminas, facas, pedaços de vidro, e outros objetos afiados), queimaduras, principalmente com cigarros, arranhões e socos que provoquem machucados, e muitas pessoas utilizam mais de um método (Klonsky, 2014).

A conceituação do fenômeno torna-se desafiadora devido à falta de consenso entre os pesquisadores sobre o termo correto e sua abrangência. Muitos ainda utilizam o termo automutilação, que, segundo Borges (2012), seria uma autolesão com características de amputação, ou seja, mais grave. Suas funcionalidades são diversas, mas autores como Arcoverde (2012) definem as mais relatadas como regulação emocional, autopunição, comunicação e influência no comportamento de outros e diminuição da dor psíquica (OTTO, 2015).

Segundo Couto *et al* (2017), formas culturais e socialmente aceitas de autolesão, como ritos de passagem, piercings, tatuagens e outras práticas contrastam com o fenômeno aqui estudado, pois estão relacionadas a um valor simbólico no meio sociocultural e religioso. A autolesão por motivos emocionais e psicológicos é alvo de maior preconceito (Almeida; Horta, 2010). Assim, entendemos que a caracterização da autolesão não se dá apenas pelas consequências físicas no

corpo lesionado, mas também envolve características emocionais e sociais, como exclusão social e julgamentos.

Apesar da alta correlação entre a autolesão e a ideação suicida, a autolesão não busca a morte como fim (Borges, 2012), mas sim uma forma de estabelecer certo equilíbrio psicológico em situações adversas, de maneira que essa prática torne-se um certo recurso para lidar com as angústias de sua própria existência (Couto *et al*, 2017). A correlação entre ambos os fenômenos se deve a diversos fatores interligados, incluindo vulnerabilidade emocional e psicológica evidenciada pela ausência de recursos emocionais que preservem a integridade do indivíduo, relutância em buscar ajuda psicológica por vergonha de revelar ser praticante da auto lesão, levando ao agravamento do quadro e isolamento social por preconceito, que também pode resultar num agravamento do quadro de mal-estar do sujeito, o que em muitos casos evolui para uma ausência de vontade e sentido em viver.

#### 4.2.2 Dados estatísticos

##### 4.2.2.1 No mundo

Alguns estudos têm sido apresentados ao redor mundo sobre a autolesão, possibilitando-nos ter um panorama geral do fenômeno e sua prevalência.

Barbosa (2019), em seu levantamento bibliográfico, selecionou estudos de diversos países que nos proporcionam um panorama mundial com relação à autolesão, e afirmou que, até aquele momento, não haviam sido encontrados tais estudos no Brasil. O Quadro 01 ilustra os resultados obtidos.

**QUADRO 03 – Panorama Mundial da Autolesão**

Autoria	Ano de Publicação	Países Analisados	Prevalência
MADGE et al.	2008	Bélgica, Inglaterra, Hungria, Irlanda, Países Baixos, Noruega, Austrália	8,9% em mulheres, 2,6% em homens; Pensamentos: 21,5%.
KLONSKY	2011	Estados Unidos	5,9%

WAN et. al.	2011	China	Prevalência nos últimos 12 meses: 17%.
YOU et al.	2011	China	15%
TSAI et al	2011	Taiwan	11,3%
KIRCHNER et al	2011	Catalunha (Barcelona e arredores)	11,4% nos últimos 12 meses
LANDSTEDT; GADIN	2011	Suécia	17,1%
LUNDH; et al.	2011	Suécia	41,5% nos últimos 6 meses
CERUTTI et al.	2011	Itália	41,9%
BAETENS et al.	2011	Bélgica	29,9%
LUCASSEN et al.	2011	Nova Zelândia	20,9% nos últimos 12 meses
SHEK; LU	2012	Hong Kong	32,7% (no ano)
YOU; LEUNG; FU	2012	China	24,9% no último ano e 13,9% nos últimos 6 meses
MØHL; SKANDSEN	2012	Dinamarca	21,5% durante a vida e 16,2% nos últimos 12 meses
MUEHLENKAMP et al.	2012	Mundial	16,1%
WATANABE, et al	2012	Japão	3,3% (12 a 15 anos) e 4,3% (16 a 18 anos) nos últimos 12 meses
GONÇALVES et al	2012	Portugal	28%
O'CONNOR; RASMUSSEN; HAWTON	2012	Escócia, Irlanda do Norte	11,4% 12,2% pensaram em praticar
MORAN et al.	2012	Austrália	8% na adolescência e 2,6% na fase jovem adulto
PLENER	2013	Áustria, Alemanha e Suíça	18,8% nos últimos 6 meses: diferenças entre os países: Alemanha (10,7%), Áustria (8,8%), Suíça (4,9%).
COUGHLAN et al.	2014	Irlanda	Prevalência durante a vida: 5,1%; 1,7% realizaram 4 vezes ou mais.
EVREN et al.	2014	Istambul (Turquia)	14,4% no ano anterior
O'CONNOR; RASMUSSEN;	2014	Irlanda do Norte	10% e 21,7% pensaram em praticar

HAWTON			
SPEARS et al.	2014	Chile	Prevalência durante a vida: 23%; nos últimos 6 meses: 14%.
SWANNEL, et al	2014	Mundo (Reino Unido, EUA, Canadá, Turquia, Bélgica, Suécia, Suíça, Alemanha, Itália, Nova Zelândia, Austrália, Holanda, Espanha, Noruega, Finlândia, Japão, China, Indonésia)	Prevalência média: 17,2% em adolescentes, 13,4% em jovens adultos e 5,5% em adultos.
HAMZA; WILLOUGHBY	2014	Canadá	46% no primeiro ano de faculdade
PAUL et al.	2015	Estados Unidos	14%
WU et al.	2016	China	Prevalência nos últimos 12 meses: 9%.

Fonte: A autoria própria, 2024

Além das informações apresentadas no Quadro 03, um estudo conduzido por Fitzgerald et al. (2017) revelou que 38% dos estudantes universitários participantes relataram ter praticado a autolesão não suicida ao menos uma vez na vida, com maior ênfase para mulheres lésbicas e bissexuais na Nova Zelândia. Já Thippaiah (2020), em sua revisão bibliográfica, aponta que as estatísticas da prática variam de 11.5% a 33.8% ao redor do mundo, mas demonstram estar em crescimento, principalmente nos países em desenvolvimento.

Um ponto ainda a destacar é que a Pandemia do COVID-19 trouxe mudanças significativas para os praticantes da autolesão, pois muitos encontram-se mais isolados e expostos a abusos familiares, além de lidarem com sentimentos de depressão e ansiedade. Um estudo realizado por Lob, Steptoe e Fancourt (2020) no Reino Unido com o intuito de analisar as estatísticas de ideação suicida e auto lesão na população no primeiro mês da pandemia revelou que 18% dos participantes reportaram pensamentos suicidas e autolesivos, enquanto 5% afirmaram terem se machucado pelo menos uma vez desde o início da pandemia.

Evidencia-se que esse fenômeno está sendo analisado e alertado em diversos países ao redor do mundo, cada um com suas diferenças socioeconômicas, educacionais, culturais e religiosas. Entretanto, com a pandemia do COVID-19 e o conseqüente crescimento de registros de quadros depressivos, ansiosos e de outros problemas de saúde mental, nos deparamos com um aumento da notificação dos casos e a dificuldade de enfrentamento deles por parte dos agentes de saúde e educação (Barros, Alves, 2022). Diante desse cenário, é essencial a produção de material científico que possibilite uma maior compreensão das motivações e enfrentamentos da autolesão no Brasil e no mundo.

#### **4.2.2.2 No Brasil**

No Brasil, estudos iniciais têm sido conduzidos sobre a autolesão não suicida (ANLS). Arcoverde e Soares (2012), no período de 2000 a 2009, identificaram fatores neuropsicológicos associados à autolesão, destacando dificuldades de resolução de problemas, impulsividade, regulação emocional e estresse psicológico. Quanto às motivações, Cedaro e Nascimento (2013) analisaram um relato de caso no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), revelando a busca de alívio, prazer e sentimentos de raiva e culpa. Ferreira (2018), ao explorar mensagens de adolescentes na internet, evidenciou a autolesão como resposta às tensões da adolescência, buscando reconhecimento e alívio da angústia. Outros estudos baseados em redes sociais, como o Orkut, revelaram relatos de angústia, alívio momentâneo e diferentes motivações para a autolesão ( Dinamarco, 2011).

Acadêmicos, profissionais de saúde e psicólogos clínicos têm diferentes perspectivas sobre o tema e suas motivações (Thyssen; Camp, 2014). O estudo de Fonseca *et al.* (2018), realizado em Divinópolis (MG), revelou que, dos 517 adolescentes participantes de idades entre 10 a 14 anos, 9,48% relataram prática de autolesão no último ano, buscando aliviar sentimentos de vazio e sensações ruins.

No Espírito Santo, foram analisados 29 pacientes do Hospital da UFES com idades entre 8 e 17 anos, diagnosticados com “Transtorno de Autolesão Não Suicida”, predominantemente do sexo feminino, e o método principal utilizado foi o *cutting* (Alves, 2019). E em Belo Horizonte, outro estudo abordou a percepção geral da autolesão, revelando um certo tabu em relação ao tema, o que pode levar à falta de busca por ajuda e há uma tendência de manter o comportamento em segredo.

Já Rodrigues (2020), em sua pesquisa com 517 adolescentes de uma escola pública do Rio Grande do Sul, descobriu que 8,7% realizaram a autolesão não suicida no mesmo ano. Os resultados apontaram para a correlação da prática com menor índice socioeconômico, início do Ensino Médio, depressão e maior risco de suicídio.

Silva e Schoen (2020), ao avaliarem os prontuários de adolescentes de 10 a 18 anos que passaram por um ambulatório de saúde de São Paulo entre 2007 e 2017, depararam-se com a prevalência de comportamento autolesivo em 11,52%, público majoritariamente feminino. Em Caxias (MA), um estudo com 344 adolescentes entre 13 e 19 anos mostrou índices de 31,4% de comportamentos autolesivos, também majoritariamente femininos. O método mais utilizado foi o *cutting*, em 26,4% (SANTOS *et al*, 2020).

Caldas *et al.* (2020), ao estudarem a ALNS na Colônia Penal Feminina do Recife em 279 detentas, descobriram que 17% tinham comportamentos autolesivos, sendo que 47% delas realizavam essa prática antes de serem encarceradas. Embora 68% afirmassem não sentir dor física, buscavam alívio da dor psíquica, pensamentos suicidas e chamar atenção. Um estudo realizado na Universidade Estadual de Campinas (SP) com 6908 estudantes apontou para uma taxa de 17,8% de comportamentos autolesivos nessa população, apontando para maior prevalência dependendo do gênero, raça, religião, nível socioeconômico, entre outros. Além disso, observou-se uma prevalência 10 vezes maior nessa população em relação à tentativas de suicídio (BANDEIRA, 2021).

Ribeiro *et al.* (2022) realizaram uma pesquisa com 112 estudantes (11 a 16 anos) do Ensino Fundamental II de uma escola do interior de Minas Gerais, em 2019, revelando que 59% haviam praticado a autolesão em algum momento da vida, utilizando métodos como morder, cutucar feridas, se bater e se cortar. Em 56% dessa população, a prática havia sido cometida nos últimos 12 meses.

Pedroso (2023), buscou investigar o fenômeno no público universitário da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), e, a partir de um questionário on-line do qual 80 estudantes participaram, constatou-se uma prevalência de 76,25% do gênero feminino, com média de idade de 22,15 anos. Além disso, foi possível analisar a prevalência do fenômeno em relação aos cursos, sendo 42,5% da Psicologia, 13,75% da Engenharia e 12,5% de Ciências Biológicas. 23,75% dos estudantes relataram a prática no ano anterior enquanto 60% relataram em algum

momento da vida, e dentro desse último grupo temos que 51,25% eram do sexo feminino e 58,33% pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+. 50% conciliava trabalho e faculdade e 54,16 apresentavam algum transtorno mental.

É importante ressaltar que, apesar dos estudos encontrados, há uma carência de literatura sobre o fenômeno da Autolesão Não Suicida no Brasil, de forma mais abrangente e que englobe diversas regiões do país. Por ser um fenômeno comumente associado à tentativa de suicídio e considerado um tabu por diversas pessoas, é esperado que haja uma certa demora para termos estudos e dados que consigam abarcar todos os casos e seus recortes.

#### **4.2.3 Prevalência na adolescência**

A adolescência é um período de muitas mudanças para o indivíduo, que aos poucos adquire independência, ao mesmo tempo em que enfrenta desafios inéditos (Melo, 2005). Atualmente, o Estatuto da Criança e do adolescente define esse período como entre os 12 e 18 anos (Brasil, 1990), enquanto a Organização Pan-americana de Saúde compreende o período entre os 10 e 19 anos (OMS/OPAS, 2021).

Essa etapa da vida é marcada por mudanças fisiológicas, hormonais, sociais e, conseqüentemente, psicológicas, considerando que sua imagem, seu ser e seu mundo estão em uma intensa transformação (Ballone, 2003). Além disso, devemos considerar a relação desse sujeito com seu mundo, incluindo traumas, vulnerabilidades e dificuldades, que influenciam diretamente o peso dessas mudanças (OMS/OPAS, 2021).

Entretanto, ao mergulharmos na fenomenologia existencial, podemos interpretar a adolescência através da temporalidade. Freire (2017) aborda esse período da vida como o momento em que o ser deixa de ser totalmente tomado pelo presente imediato e se depara com o futuro e, conseqüentemente, com sua finitude. A partir desse momento, a existência do adolescente se torna uma tarefa árdua, marcada pela responsabilidade de lidar com sua própria mortalidade e planejar seu futuro, muitas vezes envolvendo-se em comportamentos de risco para desafiar essa finitude (Freire, 2017).

De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS/OMS, 2021), as condições de saúde mental representam 16% da carga global de doenças e lesões em pessoas de 10 a 19 anos, e metade delas têm início aos 14 anos de idade. Estima-se que a autolesão tenha sido responsável por 62 mil mortes de jovens em 2016, sendo o suicídio a terceira principal causa de morte nessa faixa etária (OPAS/OMS, 2021).

Outras pesquisas, como a de Aratangy *et al* (2018), afirmam que esse comportamento surge na adolescência e perdura por um período de 10 a 15 anos ou mais, chegando a décadas se não houver tratamento adequado (Aratangy *et al.*, 2018).

#### **4.2.4 Prevalência no sexo feminino**

Guerreiro (2014) aponta que a probabilidade de comportamentos autolesivos é significativamente maior no gênero feminino, nas pessoas que vivem em sistemas não nucleares e naquelas com maior insucesso escolar. Como observado nos índices anteriores, as pesquisas apresentadas em sua maioria confirmavam essa prevalência com relação ao gênero.

Essa probabilidade pode estar associada às opressões de gênero que as adolescentes enfrentam desde cedo, juntamente ao desamparo familiar. Isso se comprova com outros estudos práticos, como o de Bakken e Gunter (2012), que investigaram o fenômeno em 2.639 estudantes do ensino médio e observaram uma maior prevalência da prática em meninas, acompanhada de uma maior tendência à ideação suicida.

Segundo a fundação Childhood Brasil (2019), o primeiro assédio sofrido por meninas ocorre, em média, aos 9 anos de idade, evidenciando a objetificação sexual precoce a que são submetidas. Além disso, afirmam que crianças e adolescentes do gênero feminino estão no topo do grupo mais afetado pela violência doméstica e sexual.

Luna (2010), em sua Dissertação, investigou a autolesão não suicida em mulheres jovens e encontrou diversos relatos que transpareciam a dificuldade dessas mulheres em se enxergar dentro dos padrões estéticos, sexuais e

comportamentais que acarreta sentimentos de rejeição e não-pertencimento, recorrendo a autodestruição do corpo como forma de confrontar esses padrões. Assim, observa-se que o gênero é uma esfera que perpassa fortemente o fenômeno.

#### **4.2.5 Possíveis motivos, funções e significados**

Para compreender melhor o fenômeno da autolesão, as pesquisas costumam observá-lo sob uma perspectiva biopsicossocial, ou seja, que é determinada e influenciada por diversas esferas do ser humano: biológicas, sociais e psicológicas (Couto, 2017).

Na esfera biológica, conforme Arcoverde e Soares (2012), a autolesão está relacionada a fatores neurais, especificamente ao neurotransmissor endorfina que é liberado após danos corporais. Essa liberação, somada com a dor física sentida após a lesão, resultam num alívio temporário dos pensamentos de sofrimento aos quais o indivíduo está submetido. Entretanto, a repetição desse ato implica uma maior tolerância à dor e ao efeito aliviador que ela provoca, de forma que sejam provocados ferimentos cada vez mais graves.

Há, portanto, uma certa semelhança entre a autolesão e a dependência química, ambos recursos de distração do ser humano de sua vulnerabilidade existencial (Sodelli, 2010). A utilização de drogas, em alguns casos, é uma saída para uma das características humano-existenciais: o fato de ser inacabado e tomar conta de sua própria existência frente a sua inevitável finitude, o que acarreta sentimentos de angústia pela possibilidade da impossibilidade e culpa pelas escolhas que ele tem de fazer. Pode-se analisar a autolesão sob essa mesma perspectiva, já que a dor pode ser uma espécie de distração dessa realidade, assim como os efeitos proporcionados pelas substâncias alucinógenas e entorpecentes.

Para Borges (2012), há uma limitação em considerar o fenômeno apenas como uma manifestação biológica ou, ainda, uma patologia, pois muitas vezes ela é mais bem enquadrada como um sintoma de outros quadros clínicos, como borderline, depressão, ansiedade, entre outros. Além disso, ela é observada em

populações não-clínicas, o que retrata uma necessidade de observá-la de forma muito mais aprofundada (Cunha, 2017).

A autolesão também pode ser vista como uma tentativa de comunicação com o mundo externo, especialmente na esfera social. Arcoverde e Soares (2012, p. 294) destacam a contradição de autolesionar-se com o chamado “instinto de sobrevivência, evitação da dor e preservação da vida”. Zhanna (2023) descreve esse instinto a partir da perspectiva Darwinista como formas de adaptação do organismo ao meio ambiente, herdados pelos seres humanos a partir da seleção natural em seu processo de evolução, de forma que esses instintos tenham a função de proteger e evitar situações de perigo à vida.

Entretanto, os fatores sociais, psicológicos e culturais mostraram-se capazes de violar esse instinto, ou seja, se sobrepor à necessidade supostamente inata de conservação da própria vida e evitação do sofrimento.

Podemos relacionar essa violação à negação do instinto de evitação da dor, notável no fenômeno da autolesão. Segundo Marquez (2011), a dor em si ultrapassa os limites neurofisiológicos e é influenciada pelos aspectos sociais, culturais e psicológicos, como é o caso dos praticantes da autolesão. Enquanto diversos praticantes afirmam não sentir dor durante o ato, outros relatam que a sensação é prazerosa, como se ela proporcionasse um certo prazer momentâneo.

No estudo de Barbosa (2017) 14 pessoas que praticavam a autolesão foram entrevistadas, com idades entre 18 e 28 anos, três do sexo masculino e sete do sexo feminino. Diversas formas de autolesão foram apontadas, como queimaduras, cortes (mais comum), beliscões, arranhões e se bater, e os instrumentos utilizados foram agulhas, vidro quebrado, facas, objetos quentes, pinças, estiletes, giletes, entre outros. A idade de início da prática dos participantes estava entre 11 e 21 anos, e o estudo abarcou aspectos como as sensações dos praticantes, os motivos e finalidades da prática.

Ao analisar os sentimentos e as sensações, foram encontrados diversos relatos de alívio somados à culpa, angústia, tristeza e raiva. A sensação de alívio foi citada por todos os participantes, como se a prática lesiva obtivesse um resultado terapêutico, mesmo que temporário. Já os motivos relatados estavam relacionados a experiências subjetivas ligadas à relacionamentos, transtornos mentais, vida profissional, solidão, traumas e problemas de auto aceitação. Embora os motivos

fossem bem variados, todos convergiam na utilização da autolesão como um recurso para lidar com suas questões emocionais.

Por último, as finalidades coincidiram com outras pesquisas sobre o tema, que identificaram os principais fins de punição, expressão e fuga (BARBOSA, 2017; BORGES, 2012). Em “aspectos associados” apareceram fatores como baixa autoestima, falta de identificação, orientação sexual e necessidade da autolesão, e em “significados e sentidos da dor” apareceram argumentos como “a dor física alivia a dor emocional”, “dor boa”, “intensidade da dor” e a “dor desejada”. Há, ainda, uma repetição da comparação de uma dor interna com a dor externa, como se a última desviasse o foco do sofrimento emocional. A punição também foi relatada, como se a autolesão cumprisse um papel de carrasco do próprio ser pelos erros e defeitos que observa em si mesmo.

Em todas as interpretações do fenômeno da autolesão, o corpo é o protagonista do ato, seja como mensageiro, como distração ou punição. Dessa forma, analisaremos, sob a ótica de Merleau-Ponty, as dimensões e significados da existência corporal, com o objetivo de compreender os sentidos da autolesão.

#### 4.2.6 Vivências na autolesão

Com o objetivo de trazer dados não apenas estatísticos, mas que demonstrem a vivência das pessoas que praticam autolesão não suicida, alguns estudos com relatos de praticantes foram selecionados após uma busca no Google Acadêmico com os termos “relatos” AND “autolesão” OR “automutilação”. Foram extraídos alguns relatos de seis estudos acerca do tema, nos quais foram realizadas entrevistas diretas com praticantes da autolesão. Os estudos selecionados são de Cedaro e Nascimento (2013), Gonçalves (2016), Barbosa(2019), Nascimento (2020), Moraes (2020) e Almeida (2021).

**QUADRO 04 – Relatos sobre Autolesão nos estudos selecionados**

Referências	Relato
-------------	--------

<p>CEDARO, J. J.; NASCIMENTO, J. P. G. 2013, p. 207</p>	<p>Lembra quando disse que nunca ouvia o meu subconsciente? Mentira, ouço sim. Sabe como ouço, na hora da mutilação? Percebi que nessas horas minha mente cria imagens, pessoas, histórias. Conversa comigo, faz de tudo. Tudo que eu gostaria que fosse.</p>
<p>CEDARO, J. J.; NASCIMENTO, J. P. G. 2013, p. 210</p>	<p>Comecei a me cortar quando tinha 14 anos. Senti um desespero sem saber de onde vinha. Estava na cozinha, peguei a faca e dei um corte no meu braço. Senti um alívio daquilo que me atormentava. Então, até hoje essa é a saída que encontro para amenizar meu sofrimento e não consigo parar de fazer isso.</p>
<p>CEDARO, J. J.; NASCIMENTO, J. P. G. 2013, p. 212</p>	<p>No momento, no ato, sinto alívio, sinto prazer, mas depois a gente se sente muito mal. Mutilação sempre fez parte da minha vida, bloqueando possibilidades, afetos, impedindo-me de viver. Criei essa Paula que visualmente sou, e escondi a outra, que nas horas de mutilação aparece e vive.</p>
<p>GONÇALVES, J. N. 2016, p. 85</p>	<p>Fi (sic – abreviação da palavra filho), na hora que você tá (sic) lá cortando você nem sente dor. Não sente.</p>
<p>GONÇALVES, J. N. 2016, p. 85</p>	<p>Na hora do corte você só quer se cortar mais e mais. E depois do primeiro corte, você vicia.</p>
<p>GONÇALVES, J. N. 2016, p. 85</p>	<p>Dá um alívio, parece que uma tristeza saiu para fora, tem que se cortar para a tristeza sair</p>
<p>GONÇALVES, J. N. 2016, p. 85</p>	<p>Quem se corta não sente dor, não sente dor, não sente (...)</p>
<p>BARBOSA, V. et al 2019, p. 5</p>	<p>Eu ficava pensando que eu tinha que conseguir tirar essa dor de mim... que a dor do corpo ia ser melhor do que a dor que eu tava sentindo por dentro.</p>
<p>BARBOSA, V. et al 2019, p. 5</p>	<p>Não é uma dor ruim, acaba que, acaba que não fica uma dor ruim. Você sente, só que, é bem estranho porque... dói, mas são dores diferentes de você cair e ralar um joelho ou você bater numa porta ou algo do tipo. Agora, quando você tá mal e você faz isso, dói, mas não é como se você desse tanta importância para essa dor, porque a de dentro tá maior.</p>
<p>BARBOSA, V. et al 2019, p. 7</p>	<p>Ver sair o sangue, ver a ferida ali, acho que era realmente uma forma de aliviar as angústias, as tensões que eu tava sentindo.</p>

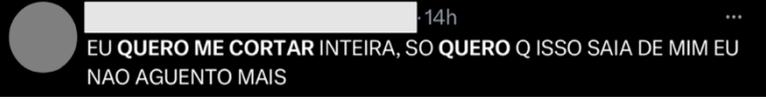
MORAES et al 2020, p. 4	Eu sinto raiva quando tem briga lá em casa, aí eu me corto. Eu comecei a me cortar por causa de tanta briga em casa
MORAES et al 2020, p. 5	Eu fui violentada durante três anos e nunca pude falar nada. Minha maior dor é não poder falar, mas eu tenho um diário: a caneta é a lâmina, minha pele é o papel.
NASCIMENTO et al 2020, p.	Doutor, é uma espécie de dor boa que sinto, principalmente quando estou nervosa.
NASCIMENTO et al 2020, p.	Desde que minhas amigas começaram essas brincadeiras não consegui mais parar - sempre ao final do dia gosto de me cortar.
ALMEIDA, R. S. 2021, p. 62	Eu só precisava fazer algo, amenizar a dor que estava sentindo, então me machuquei, me machuquei porque era melhor sentir aquela dor física do que a dor que estava sentindo dentro de mim.
ALMEIDA, R. S. 2021, p. 62	Todos os dias eu me olho no espelho, olho para os meus braços, olho em cada parte que eu escondo com grandes vestes e me pego pensando: como eu cheguei nesse ponto?
ALMEIDA, R. S. 2021, p. 65	Outra coisa que me deixa bastante insegura sobre meu futuro: é como lidarei com as marcas dessa guerra (cicatrices), como enfrentarei os olhares e julgamentos, mas acredito que vou me sair bem, preciso acreditar nisso. Às vezes penso que não conseguirei parar e meu corpo ficará com ainda mais marcas, até que ele não aguarde mais, não tenha mais espaço.
ALMEIDA, R. S. 2021, p. 65	Em raros momentos, tenho a sensação de que sou capaz de superar tudo isso, mas essa sensação tem prazo de validade curto e, logo depois, tudo volta a desmoronar. Eu me sinto vivendo numa montanha-russa e tudo o que eu queria era descer, mas como não consigo sozinha, machuco meu corpo...

**Fonte:** autoria própria, 2024

Para complementar os estudos explorados, foi realizada uma breve busca na rede social X (anteriormente conhecida como Twitter até 2023) utilizando os termos "me cortar", "automutilação" e "cortar" AND "pulsos". A decisão de procurar publicações nesta rede foi motivada por ser um espaço de desabafos com pouca ou nenhuma formalidade, na qual os usuários podem abdicar de sua autocensura e medo de julgamentos, expondo opiniões, experiências e sentimentos muitas vezes polêmicos.

Em alguns casos, pessoas que utilizam a rede com esse fim não utilizam seu nome verdadeiro ou foto que revele sua identidade. Dessa forma, selecionar alguns relatos de praticantes da autolesão procura destacar sensações, sentimentos e vivências subjetivas e honestas sobre suas experiências.

**QUADRO 5** - Postagens sobre autolesão no X (Antigo *Twitter*) por diferentes usuários desta Rede Social

	<p>"Eu quero me cortar inteira, só quero que isso saia de mim. Eu não aguento mais"</p>
	<p>"Estou a quase um ano sem me cortar, quero tanto fatar meu pulso"</p>
	<p>"Eu estou tentando parar com a automutilação, mas, sei lá, me sinto como em abstinência"</p>
	<p>"Por que as pessoas se cortam? (Sem intenções de ofender)"</p> <p>"Me corto porque quando faço algo ruim sinto que mereço um castigo"</p>

Fonte: Rede Social X, 2024.

Essas declarações refletem a diversidade de faces do fenômeno, tornando impossível classificá-lo sob uma perspectiva objetiva e generalizada. Notavelmente, não há relatos nos artigos estudados ou na breve busca na rede social que

descrevam a autolesão como dolorosa. Quando há algo sobre a dor, é afirmada sua inexistência no momento do ato, ou até mesmo apontando-a como prazerosa.

De acordo com Corbin (2005), a experiência da dor, embora originada como uma perturbação do sistema sensorial, é amplamente moldada por construções sociais e culturais ao longo da vida. Isso justifica a notável disparidade na percepção da dor entre os praticantes de autolesão e aqueles que não o fazem. Enquanto alguns afirmam não sentir dor durante o processo, outros encontram prazer nela, pois representa o alívio que estão buscando, ofuscando sua dor interna.

É impossível delimitar universalmente de onde essa dor interna advém, já que as experiências são vividas diferentemente por cada ser. Vemos, acima, alguns relatos de traumas como abuso sexual, *bullying*, luto e violência que aparecem como principal motivação. No entanto, em outros casos, a motivação não é clara, e não é necessário que seja. O objetivo deste trabalho não é formular uma teoria de causalidade, mas sim desvelar as diversas camadas desse fenômeno tão complexo.

Outro fator interessante que aparece diversas vezes nos depoimentos é a abstinência do ato ou seja, a aflição e necessidade que surgem depois de um tempo sem ele, assemelhando-se a um vício. Se comparado a outros tipos de vício, detectam-se algumas semelhanças: a autolesão surge como uma saída para um sofrimento que parece não ter solução, ou como uma forma de preencher um vazio instaurado por esse sofrimento.

A dependência química se ancora na ausência de sobriedade, na alteração de consciência que mascara esses sentimentos negativos, ainda que seja um efeito temporário. A autolesão utiliza a dor física como instrumento para isso. Ora, se o sofrimento é tanto a ponto do ser humano abrir mão de um de seus aspectos mais primitivos e obter sucesso, é fácil entender como ele se torna um ato repetitivo.

Todas as motivações, sentimentos e finalidades convergem na corporeidade humana como forma de descontar emoções negativas. Assim, avançaremos nessa discussão com análises baseadas, a partir de então, sob a perspectiva fenomenológica dada por Merleau-Ponty a respeito do corpo, buscando desvelar as esferas da autolesão a partir da relação entre o mundo e a corporeidade.

## 5. O CORPO SEGUNDO MERLEAU-PONTY

A obra “Fenomenologia da Percepção”, de Maurice Merleau-Ponty (1945, 1999), explora a natureza da percepção e da experiência corporal, sendo o corpo o veículo que possibilita e se interliga com a nossa compreensão do mundo. Na obra, o autor explica a compreensão do corpo e do mundo a partir de sentidos e sensações que interagem com os ambientes e da percepção do tempo, espaço e objetos.

Para Merleau-Ponty, o corpo não é um objeto no mundo tal qual a ciência mecanicista pressupõe, mas sim a condição prévia para a nossa compreensão do mundo. Não há como conhecer o objeto fora de nosso corpo, pois é ele que possibilita a atividade de conhecer. Ele questiona a visão tradicional de que o corpo é apenas uma ferramenta para a mente, comunicando-se com ela através do sistema nervoso. Em vez disso, conclui que o corpo está em constante intercâmbio com a mente, participando ativamente da intencionalidade da percepção.

Para compreendermos melhor o pensamento de Merleau-Ponty, analisaremos a primeira parte de sua obra: *Introdução e Parte I: O corpo*, buscando destacar suas ideias referentes ao corpo como veículo do ser no mundo e como se relaciona com ele.

### 5.1 Prefácio e Introdução à obra

A Fenomenologia da Percepção, conforme discutida no prefácio, é um campo de estudo dedicado à compreensão das essências, centralizando-se na definição delas, como a da consciência e percepção. Este campo de estudo dedica-se à compreensão das essências através da facticidade, adotando uma postura transcendental que suspende a atitude natural para melhor compreendê-las.

A fenomenologia reconhece que o mundo existe antes da reflexão, sendo inalienável à nossa experiência. O esforço fenomenológico reside em reencontrar o contato ingênuo com o mundo, conferindo-lhe um estatuto filosófico. A partir dessa perspectiva, busca-se a exatidão ao descrever a experiência humana através da

vivência temporal e espacial, embora suas contradições, evidenciadas por pensadores como Husserl (1936), coloquem em questão seu propósito subjacente.

Nas obras fenomenológicas, encontramos os significados inseridos por nós mesmos, o que intrinsecamente desafia os estudiosos a refletirem sobre sua natureza e evolução. A adesão a um método fenomenológico é crucial para acessar esse campo, permanecendo a questão sobre seu estado inicial um desafio para a compreensão de sua essência.

Advindo da crítica de Husserl à ciência positivista, postula-se na Fenomenologia que a experiência do mundo deve ser priorizada, considerando a ciência como uma expressão secundária. Para essa abordagem, o ser é a fonte absoluta anterior a qualquer enquadramento, sendo o eu responsável por sua própria existência, enquanto o retorno às coisas mesmas representa um retorno à essência do ser. O filósofo, ao afirmar de outro modo a noção clássica de "sensação", introduz o "fenômeno perceptivo" como fundamental para a percepção, destacando a complexidade da experiência sensorial em relação à ciência explicativa do mundo.

Merleau-Ponty também aborda a natureza da qualidade, questionando a objetivação imposta ao corpo pelos cientistas e enfatizando a subjetividade presente no sensível. Ele critica a constância da explicação fisiológica da percepção, destacando lacunas e diferenças no percebido que não podem ser explicadas por qualidades determinadas e mecanicistas. A ideia de sensação precisa admitir o nominalismo, enquanto o campo perceptivo se forma a partir de "coisas" e do "vazio" entre elas, criticando tanto o empirismo quanto o intelectualismo.

A análise reflexiva falha ao separar o sujeito da experiência, resultando em uma reconstrução em vez de uma descrição fiel do vivido. Assim, edifica-se uma crítica à equiparação da percepção às sínteses do juízo, destacando a diferença entre perceber e criar, enquanto defende a percepção como fundamento subjacente a todos os atos. Em contraste, Husserl destaca a importância da intersubjetividade, reconhecendo a existência do "outro" como essencial para uma verdadeira relação, e enfatizando que a filosofia deve absorver a intenção em vez de simplesmente registrar propriedades percebidas.

A redução fenomenológica proposta por Merleau-Ponty busca equalizar a reflexão com a vida irrefletida da consciência, visando entender o mundo em sua complexidade. Husserl, por sua vez, destacava a distinção entre a intencionalidade

de ato e a intencionalidade operante, promovendo um conhecimento compreensivo que absorve a intenção. Além disso, a compreensão dos acontecimentos e da história é multifacetada, cada visão contendo verdade quando perseguida até o núcleo único de significação existencial.

A história e o presente são inseparáveis, formando uma única existência onde cada ação ou palavra adquire significado. A fenomenologia une objetivismo e subjetivismo, mostrando que a racionalidade emerge das experiências que revelam sentidos, embora não de forma absoluta. O mundo fenomenológico é o sentido resultante da intersecção de experiências individuais e coletivas, sempre retomadas no presente.

O *logos* existente é o mundo, sem uma razão preexistente. A filosofia, ao tentar totalizar e compreender o mundo inacabado, envolve-se em uma meditação contínua, refletindo o pensamento moderno. O verdadeiro objetivo da filosofia é reaprender a ver o mundo, buscando constantemente compreensão e sentido.

## **5.2 O corpo**

Merleau-Ponty sustenta a discussão sobre o corpo na obra “Fenomenologia da Percepção” em seis importantes pilares: (1) O corpo como objeto e a fisiologia mecanicista; (2) A experiência do corpo e a Psicologia clássica; (3) A espacialidade do corpo próprio e a motricidade; (4) A síntese do corpo próprio; (5) O corpo como ser sexuado e (6) O corpo como expressão e a fala.

O fenomenólogo critica a ideia de corpo no pensamento objetivo e mecanicista e introduz a noção do ser no mundo, abordando o corpo como veículo do mundo e explorando suas diversas dimensões e relações.

### **5.2.1 O Corpo como objeto, e a fisiologia mecanicista**

Merleau-Ponty inicia esta seção revisitando a definição de objeto e questionando a concepção do corpo como tal. Apesar de o organismo possuir um funcionamento dependente do sistema nervoso, a discussão é ampliada para casos de lesões cerebrais e a consequente degradação de certas experimentações dos

sentidos, tornando menos eficaz a diferenciação de certas excitações e modificando a organização espontânea dos estímulos elementares, fator este responsável pelo plano das qualidades sensíveis e da própria percepção. Tais qualidades sensíveis não surgem de fatores externos, mas de como nos relacionamos com eles.

Considerando que, para Merleau-Ponty, a definição de objeto consiste em algo "partes extra partes" que só admite relações exteriores e mecânicas entre suas partes ou com outros objetos, o corpo não se enquadra nessa classificação. O autor sugere isso ao afirmar que "(...) a exteroceptividade exige uma formação dos estímulos, a consciência do corpo invade o corpo, a alma se espalha em todas as suas partes, o comportamento extravasa seu setor central" (Merleau-Ponty, 1999, p. 114).

O corpo admite certa interoceptividade e certos fenômenos que a Fisiologia simples não dá conta de explicar, como o membro fantasma. Os determinantes psíquicos e emocionais que ativam o fenômeno, fazendo o paciente sentir um membro e até mesmo a dor em tal membro amputado não se adequam à ciência pragmática dos estímulos periféricos enviados para o sistema nervoso, já que ele não existe mais.

Aquilo que em nós recusa a mutilação e a deficiência é um Eu engajado em um certo mundo físico e inter-humano, que continua a estender-se para seu mundo a despeito de deficiências ou de amputações, e que, nessa medida, não as reconhece de jure. A recusa da deficiência é apenas o avesso de nossa inerência a um mundo, a negação implícita daquilo que se opõe ao movimento natural que nos lança às nossas tarefas, às nossas preocupações, à nossa situação, aos nossos horizontes familiares (Merleau-Ponty, 1999, p. 121).

Os comportamentos reflexos, que seriam utilizados para explicar esse fenômeno, não se bastam, já que, para ele, o reflexo do corpo se volta para os estímulos a partir de sentidos que não lhe são inerentes. Ele então chega no que podemos chamar de parte central do capítulo: o "ser no mundo", estabelecendo uma perspectiva pré-objetiva em contraponto com as alternativas "psíquicas" e "fisiológicas" que são criticadas.

O corpo é veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles. [...] Se é verdade que tenho consciência de meu corpo através do mundo, que ele é, no centro do mundo, o termo não - percebido para o qual todos os objetos voltam a sua face, é verdade pela mesma razão que meu corpo é o pivô do mundo: sei que os objetos têm várias faces porque eu poderia fazer a volta em torno deles, e neste sentido

tenho consciência do mundo por meio de meu corpo (Merleau-Ponty, 1999, p. 122).

Merleau-Ponty afirma que reflexos e percepções, ao se abrirem ao sentido da situação e ao não fixarem imediatamente um objeto de conhecimento, são manifestações de uma visão pré-objetiva que molda nosso ser no mundo. Ele ressalta a relevância de reconhecer um “diafragma interior”, além dos estímulos e conteúdos sensíveis, que exercem forte influência sobre nossos reflexos e percepções, definindo a esfera de nossas ações possíveis e a extensão de nossa existência.

Nosso entendimento do "mundo" vai além de ser uma simples reação a estímulos externos. Há uma consistência própria no nosso modo de perceber e existir, independente dos estímulos ou pensamentos voluntários. Essa visão pré-objetiva permite que o ser no mundo se diferencie de processos externos e internos, possibilitando a integração entre aspectos psíquicos e fisiológicos da experiência humana. Ou seja, a complexidade e autonomia da nossa relação com o mundo é baseada na compreensão, transcendendo uma abordagem simplista baseada em reflexos ou atos conscientes isolados.

A manipulação efetiva de algo exige que esse algo tenha a capacidade intrínseca de ser manejado. Da mesma forma, nosso corpo não deve ser lido apenas a partir de experiências momentâneas e singulares, mas também sob uma perspectiva mais geral, como um ser impessoal, transcendendo a individualidade em certos aspectos. Isso destaca a complexidade da relação entre sujeito e objeto, abrangendo dimensões mais amplas e impessoais.

Merleau-Ponty argumenta que, apesar de termos órgãos sensoriais, um corpo e funções psíquicas semelhantes às dos outros, cada momento da nossa experiência não é uma totalidade única, mas um ponto de interseção de diversas causalidades. Ao habitar um mundo físico com estímulos constantes e situações típicas, nossa vida segue ritmos condicionados pelo entorno, não apenas por escolhas individuais.

Existe, portanto, uma margem quase impessoal em torno da nossa existência pessoal, evidente e fundamental para nossa sobrevivência, assim como a presença de um mundo geral ao qual pertencemos antes de nos fecharmos em ambientes específicos, como relações amorosas ou ambições individuais. Essa perspectiva

amplia a compreensão da interconexão entre o pessoal e o impessoal na experiência humana.

Merleau-Ponty discute como o presente, passado e futuro se relacionam na nossa experiência temporal. Cada momento presente gradualmente incorpora o passado e o futuro, dando significado ao nosso próprio passado. Apesar dos reflexos e estilos individuais em cada momento, esse poder não é exclusivo de um único presente, sendo compartilhado por todos. No entanto, o passado pode resistir à nossa interpretação presente, permanecendo e influenciando a vida contínua.

Na perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty, a verdadeira descrição dos fenômenos vai além das categorias objetivas de causalidade mundana. Em vez disso, foca nos inter-relacionamentos existenciais, motivações, solicitações e respostas que constantemente se articulam, dando forma e reformulando toda a estrutura da realidade. Nessa abordagem, a relação psicofísica e o circuito sensorio motor são entendidos como uma corrente de existência relativamente autônoma dentro do ser no mundo global. Isso não significa que sempre contribuem separadamente para nosso ser total, mas sim que, em certas condições, é possível identificar respostas consistentes para estímulos igualmente constantes, destacando a dinâmica essencial do envolvimento humano com o mundo.

### **5.2.2 A experiência do corpo e a psicologia clássica**

O corpo, na experiência existencial, assume uma singularidade inquestionável. Ele não é simplesmente um objeto variável ou ausente, mas constitui o fundamento permanente que possibilita a presença relativa dos objetos. O corpo não é visível nem tocável para nós da mesma maneira que os objetos externos, pois é o meio através do qual vemos e tocamos.

De acordo com a Psicologia Clássica, o corpo próprio era atribuído com características que o diferenciavam do estatuto de objeto. A distinção residia no fato de que o corpo é percebido constantemente e não pode ser totalmente afastado da consciência, ao contrário de objetos como mesas ou lâmpadas, que podem desaparecer do campo visual, sugerindo assim uma relação mais íntima do sujeito com seu próprio corpo.

Merleau-Ponty argumenta que a permanência do corpo próprio difere da dos objetos, pois o corpo não está sujeito a uma exploração indefinida e se apresenta sempre sob o mesmo ângulo. Sua permanência não é no mundo, mas ao lado do sujeito. Enquanto objetos podem ser explorados visualmente, o corpo permanece próximo, não podendo ser desdobrado sob o olhar, existindo de maneira única e constante ao lado do indivíduo. Para manejar o corpo, segundo ele, seria necessário um segundo corpo. *“Quanto a este (o corpo), ele é o hábito primordial, aquele que condiciona todos os outros e pelo qual eles se compreendem.”* (Merleau-Ponty, 1999, p. 134).

O corpo não pode ser um objeto completo, pois é a base para a existência dos objetos. Seu caráter permanente serve como fundo para a presença relativa deles, indicando que o corpo não é apenas tangível ou visível, mas está interligado ao ato de ver e tocar, influenciando o domínio perceptivo. É a "permanência absoluta" que serve de base para a permanência relativa dos objetos e não é um objeto do mundo, mas um meio de comunicação com ele, o que, para Merleau-Ponty, a Psicologia Clássica não analisou corretamente.

Merleau-Ponty critica a abordagem que trata a experiência do sujeito vivo, incluindo o corpo próprio, como um objeto de estudo distinto e separado do mundo real. Ele argumenta que essa abordagem transforma a experiência em um objeto chamado "psiquismo", buscando submetê-la a leis objetivas, o que resulta em uma visão reducionista e dissociada da experiência humana.

Ao explorar a relação entre corpo, mente e mundo, Merleau-Ponty propõe que o corpo próprio é fundamental para a compreensão do ser no mundo. Destaca a união entre alma e corpo como uma experiência interna, reunindo passado, corpo e mundo continuamente. Ele redefine a Psicologia, argumentando que a consciência não é um evento objetivo no tempo e no mundo exterior, mas uma comunicação interna com o mundo, o corpo e os outros. A ocupação com a Psicologia, segundo ele, implica reconhecer a abertura inicial às coisas antes do pensamento objetivo e descobrir-se como experiência, presente sem distância ao passado, ao mundo, ao corpo e aos outros, ao contrário de ser apenas um objeto entre objetos.

### 5.2.3 A espacialidade do corpo próprio e a motricidade

O contorno do corpo delinea uma fronteira singular, unindo suas partes de forma indivisível e formando uma entidade única. O conceito de "esquema corporal" evolui de uma interpretação sensorial para uma consciência global da postura no mundo, mas sua definição ainda é ambígua. Esse esquema se manifesta dinamicamente como uma postura em relação às tarefas, diferindo da espacialidade dos objetos externos, e funcionando como fundo para destacar gestos e ações.

Merleau-Ponty aborda a relação entre corpo, espaço e consciência, enfatizando que o espaço corporal se integra ao espaço objetivo e ressaltando a importância da percepção na ação. Ele desafia concepções tradicionais ao priorizar a experiência subjetiva na compreensão do mundo, examinando a relação do sujeito com seu corpo e sua experiência sensorial. Destaca como as estimulações corporais desencadeiam não apenas movimentos físicos, mas também "movimentos virtuais" e um "projeto motor" que orienta a ação.

Outro aspecto crucial é a distinção entre movimento concreto e abstrato, onde o movimento abstrato cria seu próprio fundo. A definição de sentido é discutida em relação à estrutura epistemológica e à limitação do pensamento indutivo ou causal na compreensão do comportamento humano. Merleau-Ponty sugere que a falta de pontos de referência no corpo do doente reflete uma perda da consciência do alvo, resultando em um movimento abstrato habitado por uma "função simbólica". Ele argumenta que a consciência está intrinsecamente ligada à intenção e ao ato de significar, criticando explicações fisiológicas mecanicistas e a Psicologia intelectualista por apagar a distinção entre movimento abstrato e concreto.

O fenomenólogo aborda a crítica à abordagem intelectualista na Medicina e Psicologia, argumentando a favor de explicações causais para modos de adoecimento, considerando sua complexidade. Destaca a dialética entre os conteúdos sensoriais e a função simbólica na compreensão das doenças, buscando superar a dicotomia entre forma e conteúdo. Argumenta que a inteligência não se ajusta completamente ao intelectualismo, enfatizando a importância de compreender como o pensamento temporal realiza sua própria síntese no presente vivo.

Ele aponta a existência da diferença entre o sujeito kantiano e o sujeito efetivo, ressaltando a importância dos "mundos adquiridos" na experiência. Destaca

a vitalidade da consciência ao se alimentar de pensamentos presentes, revelando a essência da consciência como criadora de mundos. E sua análise supera abordagens clássicas como o empirismo e intelectualismo, mostrando que a consciência não é uma soma de fatos psíquicos, mas uma atividade de projeção.

Merleau-Ponty também aborda a diferença entre a percepção normal e a do doente, demonstrando como a significação imediata do objeto se perde no segundo caso. Destaca a importância do "arco intencional" da consciência e sua distensão na doença. Assim, a consciência é vulnerável e suscetível à doença, afetando-a por diferentes "lados" em cada caso. Enfatiza, ainda, a centralidade da motricidade e do corpo na formação de nosso sentido de espaço e significação e argumenta que o corpo é essencial para termos um mundo, seja limitando-se aos gestos necessários à conservação da vida, seja manifestando novos significados através de hábitos motores. Para ele, o corpo é a origem do movimento de expressão que projeta significações no exterior, conferindo-lhes lugar e existência.

O estudo da motricidade, portanto, revela um novo significado para a palavra "sentido". Enquanto a Psicologia intelectualista e a Filosofia idealista destacam a interioridade da percepção e do pensamento, a experiência do corpo revela uma imposição de sentido que não é apenas a operação de um *eu* puro. O corpo é um núcleo significativo que age como uma função geral, presente mesmo na contingência e acessível à doença, mostrando a complexidade da relação entre essência e existência.

#### **5.2.4 A síntese do corpo próprio**

Na síntese sobre o corpo próprio, Merleau-Ponty revisita as noções anteriores sobre motricidade e espacialidade corporal e avança para a análise da espacialidade do corpo, enfatizando que a percepção do espaço e da coisa não são questões separadas. Enquanto as tradições cartesiana e kantiana, as determinações espaciais são essenciais, mas a experiência do corpo próprio mostra que o espaço está enraizado na existência.

O corpo não está apenas no espaço; ele é no espaço. A espacialidade do corpo desdobra-se a partir do "ser corpo", e a unidade do corpo reflete a

interconexão entre suas diversas partes, que não são meramente coordenadas, mas se entrelaçam em atividades distribuídas com significados compartilhados.

A experiência mostra que não reconhecemos nossa própria mão em fotografias, mas reconhecemos prontamente a representação visual de nosso corpo, sugerindo que a conexão entre os segmentos do corpo e entre a experiência visual e tátil não ocorre gradualmente: ela está intrinsecamente integrada em nós. Não traduzimos dados táteis para a linguagem visual; essa tradução está estabelecida em nosso corpo. Enquanto os objetos exteriores podem ser observados e definidos por suas variações, o corpo próprio nos ensina uma unidade que não se submete à uma lei externa; somos o corpo que mantém e integra visual e tatilmente seus segmentos.

O corpo é a "lei eficaz" de suas mudanças e se interpreta a si mesmo na própria percepção. Dados visuais e táteis se entrelaçam em um movimento local que ocorre em um contexto global significativo. O corpo não é comparável a um objeto físico, mas a uma obra de arte onde a comunicação ocorre pelo desdobramento de sensações. Assim como uma obra de arte, o corpo é um nó de significações vivas, não uma lei de termos co-variantes. Cada experiência tátil ou visual contribui para um gesto conjunto, sem a necessidade de um conceito inteligível unificador.

Assim como o hábito motor ilustra a natureza específica do espaço corporal, o hábito em geral proporciona *insights* sobre a síntese global do corpo próprio. Cada hábito é simultaneamente motor e perceptivo, exercendo uma função essencial que define nosso campo visual e ação, situando-se entre a percepção explícita e o movimento efetivo.

Enquanto a visão intelectualista sugere que a percepção é uma interpretação constante dos mesmos dados, avançando para significados mais claros, o autor afirma que ela separa o signo da significação, obscurecendo a relação orgânica entre o sujeito e o mundo, e negligencia o papel ativo da consciência ao se envolver com o ambiente através de seus órgãos e instrumentos. A análise do hábito motor, que se estende à existência, é complementada por uma análise do hábito perceptivo, destacando a aquisição de um mundo pelo corpo, onde a apreensão de significado ocorre através da interação corporal.

O corpo é um ser ensinante e seu aprendizado não resulta apenas de uma análise intelectual, mas da imersão nos dados sensoriais. O olhar é comparado a uma bengala do cego, um instrumento natural que obtém informações explorando as

coisas. Aprender a ver cores envolve adquirir um novo estilo de visão, enriquecendo o esquema corporal. O corpo é descrito como um conjunto dinâmico de significados vividos em busca de equilíbrio, formando novos nexos de significado quando dados visuais se integram aos movimentos, preenchendo expectativas anteriormente inconscientes.

### **5.2.5 O corpo como ser sexuado**

Merleau Ponty introduz neste tópico outra esfera do ser humano: a afetiva. Ele nega a visão convencional da afetividade e a encara como uma combinação de estados isolados de prazer e dor, supostamente explicáveis pela estrutura corporal. A crença de que a inteligência pode substituir naturalmente estímulos prazerosos e dolorosos sugere que representações mentais desconectam essas sensações de suas origens naturais.

Essa abordagem relega a afetividade à valores secundários ou terciários, aparentemente não relacionados às experiências básicas de prazer e dor. Essa perspectiva destaca o papel das representações sobre as sensações elementares, enfraquecendo a conexão direta entre o mundo objetivo e os estados afetivos.

Na percepção erótica, não se trata de entender conceitos (*cogitatum*), mas de uma ligação direta entre corpos, manifestando-se no mundo ao invés de existir apenas na consciência. A significação sexual de algo não está na representação mental, mas na resposta do corpo à situações eróticas. Essa compreensão não segue a lógica do entendimento, pois envolve uma conexão cega entre corpos, indo além de automatismos periféricos para uma intencionalidade alinhada com a existência geral.

O fenomenólogo resgata a teoria psicanalítica apontando que, apesar das declarações iniciais de Freud, não há uma busca por explicar o ser humano pela sua sexualidade, mas sim reencontrar nas dinâmicas sexuais as relações e atitudes que antes eram consideradas apenas questões de consciência. A psicanálise, segundo ele, visa integrar a sexualidade na humanidade, não como algo biológico, mas como um elemento essencial que influencia a maneira como os seres humanos interagem com o mundo e com os outros. A sexualidade é vista como um aspecto fundamental que molda a história e a maneira de ser de um indivíduo.

Merleau-Ponty, no entanto, destaca a ambiguidade que a teoria produz, deixando-nos em dúvida se toda a existência tem um significado sexual ou se toda manifestação sexual tem um significado existencial. Essas questões complexas destacam a dificuldade em chegar às conclusões definitivas sobre a sexualidade na psicanálise, pois ela não pode ser reduzida à vida sexual isoladamente e também não pode ser apenas uma expressão da maneira como projetamos nosso ambiente.

Entretanto, para Merleau-Ponty, a sexualidade não pode ser reduzida a um epifenômeno na existência, pois os distúrbios sexuais dos neuróticos expressam seus dramas fundamentais. Ela é mais precoce, frequente e visível do que outros aspectos porque é um signo privilegiado, mas isso não significa que seja apenas um reflexo direto dos órgãos dos sentidos. A existência biológica está ligada à existência humana, e viver é uma operação primordial que precede a percepção e as relações humanas. A relação entre corpo e mente não implica que o corpo seja um invólucro transparente do espírito, e a psicanálise existencial não deve ser interpretada como uma forma de espiritualismo.

A partir de exemplos como a afonia (incapacidade da fala) devido a uma proibição imposta, Merleau-Ponty retoma termos como histeria e recalque, definindo-os como uma espécie de negação involuntária, ignorando algo ao mesmo tempo em que o sujeito o sabe, tendo-o o suficiente para mantê-lo longe dele. Dessa forma, nossa capacidade de perceber e conhecer mensagens sensoriais ou recordações está condicionada à nossa conexão com a parte do corpo e da vida que elas afetam.

Essa adesão ou recusa nos situa em uma situação específica e limita o campo mental imediatamente disponível para nós, assim como a aquisição ou perda de um órgão sensorial afeta diretamente o campo físico de nossas percepções. É fundamental entender, no entanto, o papel do outro nessa situação. Como descrito pelo autor, a afonia não se trata da recusa de falar, se trata da recusa do outro, a recusa de tê-lo como interlocutor.

"O papel do corpo é assegurar essa metamorfose. Ele transforma as idéias em coisas, minha mímica do sono em sono efetivo. Se o corpo pode simbolizar a existência, é porque a realiza e porque é sua atualidade. Ele secunda seu duplo movimento de sístole e de diástole. Por um lado, com efeito, ele é a possibilidade para minha existência de demitir-se de si mesma, de fazer-se anônima e passiva, de fixar-se em uma escolástica." (Merleau-Ponty, 1994, p. 227).

Aqui novamente é trazida a ideia de corpo como possibilidade de movimento, de abrir-se ou fechar-se para o mundo, sendo essa possibilidade sempre existente enquanto ser vivo. É ele que permite nos colocar em situação no mundo, abrir-se para o outro e se relacionar com ele, e ele nunca se curva sobre si mesmo, no sentido de que ele sempre será atravessado por intenções, seja para objetos, seja para a temporalidade. Mesmo quando isolado da existência externa, o corpo não se fecha totalmente em si mesmo. Mesmo imerso na experiência sensorial, sempre há alguma conexão com o mundo exterior.

Nunca nos tornamos completamente uma entidade estática no mundo; nossa própria substância parece escapar de nós, e continuamente somos impulsionados por alguma intenção ou proposta de viver. A existência corporal está sempre em movimento e aberta para novas possibilidades, mesmo quando não estamos plenamente conscientes disso.

O corpo exprime a existência total, já que esta última se realiza nele. Nossas funções sensoriais não são o que nos faz sermos no mundo, mas sim nos possibilitam um esboço dele. Para Merleau-Ponty, na relação entre corpo e existência, cada um pressupõe o outro, e ele aponta a sexualidade como o ponto em que os limites deles (corpo e existência) se confundem. Não se pode reduzir sentimentos como o desejo e a paixão apenas à noção de corpo biológico e mecanicista. A dinâmica do corpo humano entre pudor e despudor, por exemplo, reflete uma complexa interação entre ser visto como sujeito e objeto, segundo o autor. O desejo sexual busca fascinar o outro, mas enfrenta desafios quando o outro é excessivamente livre de espírito.

A importância do corpo e as contradições do amor refletem um drama mais amplo ligado à sua estrutura metafísica. A experiência sexual revela momentos de autonomia e dependência, destacando que a sexualidade transcende o mero conhecimento, representando uma dialética entre existências que se sustentam e negam mutuamente e refletindo a emergência de um além da natureza no desenvolvimento humano.

Assim, a sexualidade é uma atmosfera sempre presente na vida humana, manifestando-se de maneiras sutis e não explicitamente reconhecidas, irradiando da região corporal. Essa sexualidade ambígua contribui para a ambiguidade da existência, impedindo uma explicação linear da mesma. A interconexão entre sexualidade e existência resulta em um princípio de indeterminação, onde é

impossível determinar a motivação sexual em ações específicas devido à complexidade da vida humana. Essa indeterminação é caracterizada pela transcendência, um movimento pelo qual a existência retoma e transforma situações de fato, incorporando todas as dimensões da vida em sua complexidade.

Para Merleau-Ponty, a sexualidade e o corpo não são aspectos acidentais da experiência humana; tudo que contribui para moldar a existência é fundamental. Ele argumenta que é inconcebível um homem sem sistema sexual, pois isso alteraria profundamente sua maneira de existir, destacando a interdependência de todas as funções corporais.

O homem é visto como uma ideia histórica, não apenas uma espécie natural, levando a uma reflexão sobre a noção de necessidade e contingência. A sexualidade é parte integral de quem somos, refletindo nossa vida pessoal e nossa relação com o mundo, e cada indivíduo vive em constante interação com sua sexualidade, sem nunca estar totalmente seguro ou perdido.

### **5.2.6 O Corpo como Expressão e a Fala**

Nesse tópico, Merleau-Ponty busca superar oficialmente a dicotomia sujeito-objeto que criticou anteriormente a partir da linguagem e seus desdobramentos. Ele novamente critica o intelectualismo e o empirismo ao constatar que a fala é um ser de razão e que as palavras têm um sentido, discordando da ideia de serem apenas invólucros vazios, exterior ao pensamento. Para ele, para pensar, é necessário a palavra, a expressão. A fala é nosso pensamento, ela não o pressupõe ou o representa. Ela não traduz um pensamento, mas o consoma (Merleau-Ponty, 1999, p. 242).

A consciência não aprende tudo antecipadamente; podemos compreender além do que pensamos inicialmente. A linguagem nos ensina e introduz seu sentido. O texto filosófico revela um estilo que nos ajuda a compreender a Filosofia. Toda linguagem se ensina a si mesma, e uma obra de arte cria seu próprio público ao revelar sua significação. O sentido de uma obra literária vai além das palavras comuns, contribuindo para modificar nosso pensamento. É necessário revisar as descrições ordinárias que imobilizam o pensamento e reconhecer que o pensamento não é uma representação expressa de objetos ou relações.

O orador não pensa antes ou durante a fala; sua fala é seu pensamento. O ouvinte não concebe enquanto ouve. O sentido das palavras está presente em todo o discurso, mas não é pensado pelo falante. Conhecer uma palavra não é ter uma imagem verbal dela, mas sim sua essência articular e sonora. A palavra persiste como uma essência emocional, não como uma representação de uma percepção antiga. Não é necessário representar a palavra para saber pronunciá-la, apenas possuir sua essência articular e sonora.

A fala não é simplesmente um sinal do pensamento, mas está intrinsecamente ligada a ele e o sentido está enraizado na fala, que é a manifestação externa do sentido. As palavras não são apenas um meio de fixação ou uma vestimenta para o pensamento, mas sim a própria presença desse pensamento no mundo sensível. É essencial que as palavras e a fala sejam mais do que meros meios de designar objetos ou pensamentos; elas devem ser a própria manifestação desse pensamento no mundo sensível.

A expressão bem-sucedida não apenas consolida pensamentos em um escrito, mas faz a significação existir como parte integrante do texto, criando uma nova dimensão de experiência para o leitor ou escritor. Essa potência da expressão é evidente na arte, onde a significação devora os signos, tornando-se presente através deles.

Merleau-Ponty enfatiza que o pensamento e a expressão são inseparáveis do mundo e das palavras. Ele argumenta que a compreensão dos gestos e da linguagem não depende da memória ou da experiência interna do observador, mas ocorre diretamente, sem a necessidade desses elementos. A compreensão dos gestos é vista como um processo de reciprocidade entre as intenções do observador e os gestos do outro, onde a integração das intenções percebidas com as experiências corporais do observador precede a definição intelectual do sentido.

Quanto à linguagem, ela também expressa a relação entre o homem e o mundo, assim como suas experiências emocionais. No entanto, a linguagem difere dos gestos na medida em que visa uma paisagem mental que não é diretamente acessível a todos e que é construída culturalmente ao longo do tempo. Enquanto os gestos são imediatamente compreendidos através da experiência corporal, a linguagem requer uma base comum de significados compartilhados entre os falantes. Merleau-Ponty sugere que os primeiros esboços da linguagem podem ser encontrados na gesticulação emocional, na qual o homem sobrepuja o mundo dado

com o mundo segundo o homem. Isso implica que a linguagem não é apenas uma forma de comunicação, mas também uma expressão da experiência humana e da relação do homem com o mundo.

Prossegue explorando a relação entre os comportamentos humanos, especialmente aqueles relacionados às emoções e à linguagem, e sua base biológica e cultural. Desafia a ideia de uma natureza humana fixa e universal, argumentando que o uso que um indivíduo faz do seu corpo transcende suas características biológicas. Os comportamentos passionais, como expressões de cólera ou amor, não são considerados mais naturais do que o uso da linguagem verbal. Eles são vistos como inventados, assim como as palavras, e são moldados pela cultura e pelas instituições sociais. Mesmo os comportamentos que parecem inscritos no corpo humano, como a paternidade, são descritos por ele como instituições construídas.

Merleau-Ponty então destaca a interconexão entre os comportamentos humanos e o mundo percebido. A presença de um ser vivo transforma o mundo físico, conferindo significados às coisas e aos estímulos. Os comportamentos criam significações que são transcendententes em relação à base anatômica do corpo humano, mas imanentes ao comportamento em si. A linguagem é apresentada como uma forma particular de expressão que tem a capacidade de sedimentar-se e constituir um conhecimento intersubjetivo. Enquanto os gestos e outras formas de expressão são transmitidos principalmente pela imitação direta, a linguagem verbal tem a capacidade única de ser registrada e transmitida através do tempo, possibilitando a formação de um saber compartilhado entre os falantes.

No contexto da afasia, o fenomenólogo explora como a perda da capacidade de linguagem não só afeta a comunicação verbal, mas também a percepção e a organização do mundo. Isso desafia visões simplistas da natureza humana, destacando a interconexão complexa entre comportamento, linguagem e experiência vivida. A linguagem é vista não apenas como uma expressão de pensamentos, mas como um reflexo da posição existencial do sujeito, transcendendo fenômenos físicos para transmitir significados por meio de gestos e palavras. Esse entendimento implica que as afecções da linguagem não podem ser reduzidas a uma única unidade, pois envolvem várias camadas de significação, desde a visual até a conceitual, integrando motricidade e inteligência.

A compreensão dessa linguagem exige a apreensão de um sentido, que pode ser especializado em diferentes camadas de significação. Essa potência essencial à fala se revela nos casos em que nem o pensamento nem a motricidade são afetados, mas a "vida" da linguagem está alterada, como no caso de doentes que falam de maneira estereotipada ou só conseguem falar se prepararem suas frases com antecedência. Ele contrasta a linguagem normal, caracterizada pela intenção de falar que surge em uma experiência aberta, com a falta dessa intenção na experiência de Schn., um indivíduo que nunca sente a necessidade de falar. Sua experiência é descrita como suficiente e imobilizada, sem espaço para interrogações, referências ao possível, surpresas ou improvisações.

A linguagem é vista como mais do que um simples meio de expressão; é uma manifestação e revelação do ser íntimo do indivíduo e do elo psíquico que o une ao mundo e aos outros. As linguagens, como sistemas de vocabulário e sintaxe, são descritas como depósitos e sedimentações de atos de fala nos quais o sentido não-formulado adquire existência para si mesmo e é verdadeiramente criado como sentido.

É feita uma distinção entre uma fala falante, na qual a intenção significativa está em estado nascente, e uma fala falada, que desfruta das significações disponíveis como uma fortuna obtida. A fala é descrita como o excesso da existência sobre o ser natural, mas também como a criação de um mundo linguístico e cultural que recai sobre o ser. Essa abertura sempre recriada na plenitude do ser é o que condiciona diversos atos de expressão autêntica.

Além disso, o trecho explora a natureza enigmática do corpo, destacando que ele não é um objeto simples ou uma soma de partes, mas sim um conjunto de processos confusamente retomados e implicados em um único drama. A experiência do corpo próprio se opõe ao movimento reflexivo que destaca o objeto do sujeito, e nos dá não apenas o pensamento do corpo, mas a experiência real do corpo. Esta redescoberta do corpo próprio implica em uma obscuridade que atinge todo o mundo percebido.

Essa expressão não se limita apenas a comunicação verbal, mas abrange gestos, posturas, expressões faciais, e, se formos mais longe, a própria prática da autolesão. Afinal, podemos interpretar esse fenômeno como uma forma de linguagem não verbal que às vezes é dirigida ao outro (relatos de se lesionar para

chamar atenção) e às vezes a si mesmo (tentar atribuir significado ao sofrimento, transformando-o em algo tangível).

## 6. COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA DO CORPO AUTOLESIONADO

O corpo humano, segundo Merleau-Ponty, transcende sua simples dimensão física para se tornar o epicentro de nossa existência no mundo. Ele não é apenas um invólucro biológico, mas o veículo primordial através do qual experimentamos todas as sensações, emoções e interações com nosso entorno. Através dessa lente fenomenológica, é possível compreender mais profundamente as motivações por trás da prática da autolesão.

Dentro desse contexto, a autolesão emerge como uma expressão multifacetada, manifestando-se de diferentes formas em indivíduos diversos. A dor associada à prática pode funcionar como uma válvula de escape para o sofrimento psíquico, um meio de autopunição ou mesmo uma forma de retorno à realidade em meio a uma crise. Contudo, todos esses comportamentos convergem para uma escolha singular: o uso do próprio corpo como forma de expressão, em detrimento dos instintos de autopreservação.

Observa-se que aqueles mais propensos à autolesão são frequentemente os que enfrentam experiências aversivas significativas ou traumas, o que pode resultar em uma maior tolerância à dor e uma menor importância atribuída à preservação corporal. Além disso, a ausência de recursos alternativos para lidar com os problemas vivenciados, especialmente quando há escassez de apoio social, pode agravar essa propensão.

Desse modo, ao relacionarmos a autolesão com os conceitos apresentados na obra de Merleau-Ponty, é possível ampliar a compreensão do fenômeno em suas diversas dimensões. O fenomenólogo destacou a centralidade do corpo na experiência humana, assim como a interdependência entre corpo, mente e mundo.

Merleau-Ponty rejeita a divisão dualista entre mente e corpo, argumentando que a experiência humana é corporificada, mediada através do corpo. Ele concebe o corpo não como um objeto isolado, mas como o meio pelo qual nos relacionamos com o mundo e com os outros. Nessa perspectiva, a autolesão é entendida como uma expressão da corporalidade humana, uma tentativa de fazer sentido da experiência emocional por meio da dela.

Além disso, ele destaca a importância da noção de “corpo vivido” ou “corpo próprio”, a experiência subjetiva do corpo como um ser encarnado no mundo. A

autolesão pode ser vista como uma ruptura nessa experiência corporificada, uma tentativa de restaurar um senso de controle ou de se reconectar com o próprio corpo.

A interdependência entre corpo e ambiente também é enfatizada por Merleau-Ponty, que argumenta que a percepção não é apenas uma atividade interna, mas uma relação entre o sujeito percebedor e o mundo ao seu redor. Assim, a autolesão pode ser compreendida como uma tentativa de modificar essa relação com o ambiente, uma forma de interagir com o mundo através do corpo em busca de alívio ou compreensão.

Portanto, ao considerarmos a autolesão à luz dos conceitos apresentados por Merleau-Ponty, somos levados a refletir não apenas sobre os motivos por trás desse fenômeno, mas também sobre a complexa interconexão entre corpo, mente e mundo. Sua abordagem fenomenológica oferece uma visão rica e holística da experiência humana, destacando a importância de uma compreensão integrada do corpo e da vivência emocional.

A seguir, vamos abordar os seis tópicos do primeiro capítulo ("O Corpo") da obra Fenomenologia da Percepção, concentrando-os em quatro tópicos e relacionando-os às diversas esferas da autolesão para descrever fenomenologicamente a autolesão de forma mais profunda a partir da corporeidade.

### **6.1 A autolesão e o corpo como objeto**

Merleau-Ponty explora e critica as ideias mecanicistas e simplistas a respeito do corpo e do mundo. Além disso, ressalta a complexidade da relação entre sujeito e objeto, transcendendo interações momentâneas para abranger dimensões mais amplas e impessoais. Nesse contexto, a autolesão não suicida pode ser interpretada como uma manifestação do ser humano que vai além de uma simples reação a estímulos externos ou pensamentos conscientes.

A visão pré-objetiva de Merleau-Ponty destaca a existência de uma consistência própria em nossa percepção e existência. Essa visão permite a integração entre aspectos psíquicos e fisiológicos da experiência humana, revelando uma complexidade na motivação para a autolesão. A discussão sobre a persistência

de sensações após a amputação de membros pode ser relacionada ao fenômeno, onde as emoções internas podem manifestar-se fisicamente. A busca por integração com o mundo físico e inter-humano pode refletir a tentativa de encontrar alívio emocional ou controle através da autolesão.

Merleau-Ponty ressalta a interconexão entre o pessoal e o impessoal na experiência humana, ampliando nossa compreensão da existência. Isso fornece um contexto para entender a autolesão como uma manifestação dessa complexidade existencial. Destaca a centralidade e singularidade do corpo na experiência humana, criticando a abordagem reducionista da Psicologia clássica. A desconexão entre experiência interna e externa pode levar à busca por alívio físico para dor emocional, destacando a importância do corpo na compreensão do ser no mundo.

A redefinição da consciência como uma comunicação interna com o mundo, o corpo e o outro oferece uma nova perspectiva sobre a autolesão. Ela pode ser vista como uma tentativa de comunicação, uma forma de expressar e lidar com emoções que transcendem a esfera puramente mental.

O corpo próprio não é apenas um objeto variável, mas o fundo permanente que possibilita a presença relativa dos objetos. Na autolesão, essa relação pode ser distorcida, levando o indivíduo a usar seu próprio corpo como meio de lidar com emoções.

A crítica à abordagem da Psicologia Clássica destaca a importância de reconhecer o corpo como mais do que um objeto físico. A autolesão pode ser vista como uma instrumentalização do corpo para lidar com a dor emocional, resultando na fragmentação da experiência corporal e na alienação do próprio corpo.

Em relação ao corpo como objeto, portanto, a autolesão reflete uma relação de objetificação da própria experiência corporal e emocional. A instrumentalização, fragmentação e alienação do corpo próprio são aspectos importantes desse fenômeno complexo.

## **6.2 A autolesão na motricidade do corpo e no esquema corporal**

Merleau-Ponty mergulha nas complexidades da relação entre corpo, consciência e significado, destacando a intrínseca ligação entre percepção e motricidade na formação da experiência humana. Ressalta a integração entre percepção tátil e visual, enfatizando que essa conexão não é gradual, mas inerente à nossa natureza.

A experiência da autolesão muitas vezes revela uma sensação de desconexão entre a experiência corporal e emocional. O ato de se ferir pode ser interpretado como uma tentativa de reintegrar esses aspectos fragmentados da experiência humana, uma busca pela reconexão consigo mesmo e com o mundo.

A dificuldade em reconhecer a própria mão em fotografias, contrastando com a pronta identificação da representação visual do corpo, reflete essa integração específica entre percepção tátil e visual. A perda da consciência do alvo, mencionada por Merleau-Ponty, pode ser vista como uma falta de sentido na experiência corporal, potencialmente levando a comportamentos autodestrutivos. E a centralidade da motricidade e do corpo na formação do sentido de espaço e significado destaca a importância do corpo na expressão e atribuição de significado às experiências emocionais, incluindo aquelas associadas à autolesão.

Essas perspectivas demonstram que a percepção tátil e visual desempenha um papel crucial. A descrição do corpo como uma “lei eficaz” de suas próprias mudanças e a ênfase na interconexão entre dados visuais e táteis destaca a importância do corpo como um todo no fenômeno.

A análise do hábito motor e perceptivo também mostra como os padrões comportamentais podem influenciar a percepção e a ação, o que é relevante para compreender os comportamentos repetitivos associados à autolesão. Merleau-Ponty salienta que o corpo não apenas habita o espaço, mas é no espaço. Isso significa que nossa percepção e experiência do espaço estão intrinsecamente ligadas à nossa corporeidade. Na autolesão não suicida, essa relação pode ser distorcida ou alterada, levando o indivíduo a usar seu próprio corpo como meio de expressar e lidar com experiências emocionais intensas ou seus conflitos.

Além disso, o autor aponta a integração entre os diferentes segmentos do corpo e entre a experiência visual e tátil. Essa integração é tão intrínseca que não traduzimos dados táteis para a linguagem visual; ela está estabelecida em nosso corpo. Na autolesão não suicida, essa interconexão pode ser afetada, levando o indivíduo a buscar alívio ou expressão através da autolesão. Merleau-Ponty

destacaria como essa experiência tátil da dor não é apenas uma sensação física, mas também uma forma de conhecer e entender o próprio corpo e a experiência emocional associada à dor.

Merleau-Ponty enfatiza a importância da experiência tátil na interação humana com o mundo, o que se relaciona diretamente com a dor na autolesão. Ele argumenta que o toque é fundamental para nossa compreensão do ambiente e de nós mesmos. Na autolesão, a dor física resultante das lesões no corpo é uma forma direta de percepção tátil, que nos ajuda a entender não apenas o corpo, mas também as emoções associadas à dor. Além disso, o tato é uma forma de expressão corporal, permitindo-nos comunicar emoções complexas que podem ser difíceis de expressar verbalmente.

A interação tátil entre o corpo e o ambiente influencia na prática, pois o indivíduo responde às percepções internas de dor ou desconforto emocional através do contato físico com o próprio corpo. E a dor tátil na autolesão possui significados simbólicos que vão além da sensação física, refletindo as necessidades, emoções e experiências pessoais do indivíduo, e evidenciando a interconexão entre corpo, mente e ambiente.

Se o corpo humano funciona normalmente, é esperado que a dor de um corte ou queimadura seja aversiva para a experiência humana. Entretanto, na autolesão, a dor pode ser interpretada de maneiras complexas, relacionadas à desconexão entre o corpo e a experiência tátil. Para relacionar a concepção fenomenológica a partir do pensamento de Merleau-Ponty à questão da dor na autolesão é crucial considerar a corporalidade e a experiência vivida. Merleau-Ponty destaca que a experiência humana é mediada pelo corpo e pela percepção sensorial.

Na autolesão, tal dor física é vivenciada diretamente através do corpo, sendo uma experiência complexa que envolve a interação entre corpo, mente e mundo ao nosso redor. A dor pode ser vista como uma forma de expressão corporal que comunica emoções e estados internos, refletindo a interconexão entre a experiência da dor e a expressão corporal.

Além disso, ela não é apenas uma sensação física, mas também uma expressão simbólica e subjetiva da experiência emocional e psicológica do indivíduo, refletindo suas experiências pessoais, emoções e necessidades. A experiência da dor na autolesão está intrinsecamente ligada à formação da

identidade pessoal e à busca de significado e compreensão dentro do contexto da experiência vivida.

Outros aspectos sensoriais, como sangue, cicatrizes e profundidade do corte, podem evocar estímulos visuais e táteis significativos para o indivíduo. A ideia de uma imagem que transmita sentimentos desejados, como uma obra de arte, pode ser aplicada nesse contexto.

A literatura científica estudada e os relatos recolhidos de estudos que cooperaram com essa pesquisa apontam para o fato de que esse fenômeno muitas vezes se torna uma espécie de vício para os praticantes. A autolesão é uma forma de lidar com a dor emocional e os conflitos vividos na existência, que muitas vezes ultrapassam as capacidades da linguagem verbal, e essa busca por alívio temporário da angústia emocional reforça o comportamento como uma estratégia de enfrentamento.

Além disso, o vício na autolesão reflete uma busca por controle sobre a própria experiência corporal e emocional, mesmo que seja destrutiva a longo prazo. Esse círculo vicioso é perpetuado pela sensação de alívio temporário seguida por sentimentos negativos, criando um padrão compulsivo e autodestrutivo.

Em suma, o pensamento de Merleau-Ponty fornece uma profunda reflexão sobre a complexa interação entre corpo, emoções e ambiente na autolesão não suicida, destacando como nossa percepção e experiência do mundo estão profundamente enraizadas em nossa corporalidade e experiências sensoriais. A relação entre a autolesão e a motricidade, sob a perspectiva de Merleau-Ponty, destaca como o movimento corporal é uma expressão da experiência vivida e como a motricidade é intrinsecamente ligada à percepção, intencionalidade e interação entre corpo e mente.

### **6.3 A autolesão e os afetos**

Merleau-Ponty oferece uma perspectiva essencial sobre a interconexão entre afetividade, sexualidade, corpo e existência humana, destacando como esses aspectos estão intrinsecamente ligados nas vivências humanas. A crítica à visão convencional da afetividade como estados isolados de prazer e dor destaca a

complexidade da afetividade, que transcende a estrutura corporal e está profundamente entrelaçada com a percepção e a vivência do mundo.

A sexualidade é definida como uma potência afetiva direcionada aos objetos, sugerindo que está intimamente relacionada à experiência humana e pode desempenhar um papel significativo na manifestação de conflitos internos e externos. Merleau-Ponty enfatiza que cada existência pressupõe o outro, destacando que a sexualidade transcende o mero conhecimento e representa uma dialética complexa entre existências que se sustentam e negam mutuamente.

Na autolesão não suicida, a conexão entre afetividade e experiência corporal pode ser distorcida, levando o indivíduo a usar a dor física como uma forma de lidar com o sofrimento emocional ou psicológico. A ambiguidade da sexualidade, sua presença sutil e difusa na vida humana, pode refletir-se na autolesão, onde os sentimentos de dor emocional e angústia estão comumente ligados à vida afetiva inter e intrapessoais do indivíduo.

Merleau-Ponty destaca que a existência humana é caracterizada pela transcendência, um movimento pelo qual a existência retoma e transforma situações de fato. Na autolesão não suicida, essa transcendência pode ser distorcida ou mal direcionada, levando o indivíduo a buscar alívio ou controle em uma experiência dolorosa que transcende as fronteiras habituais da experiência humana.

A parte afetiva está claramente afetada na população que pratica a autolesão não suicida, seja por relações interpessoais como intrapessoais. Há características presentes como conflitos familiares, bullying e conflitos amorosos, além de baixa autoestima e pensamentos negativos em relação a si mesmo. Uma parte dessa população se relaciona negativamente com o próprio corpo, possuindo até mesmo transtornos alimentares e de imagem. Assim, considerando o corpo como veículo do mundo e inseparável da esfera afetiva do ser, ele se torna um meio de lidar com essas questões.

É interessante analisar a afetividade nessa população sob uma perspectiva de relacionamento consigo mesmo, que muitas vezes acompanha ódio, tristeza, sentimentos de insuficiência e desejo de punir-se, como vimos acima. A autolesão seria então um instrumento dessa afetividade negativa direcionada ao próprio corpo.

A relação entre autolesão e sexualidade pode ser complexa e multifacetada, envolvendo a corporalidade e a experiência vivida como fundamentais. A autolesão pode estar relacionada à exploração da identidade corporal e dos relacionamentos,

à expressão de trauma sexual (como nos relatos de abuso aqui presentes) e à interação entre corpo e desejo. Sob essa perspectiva, a autolesão não suicida pode ser vista como uma manifestação das emoções e dos conflitos existenciais de um indivíduo, refletindo a complexidade da experiência humana na interação entre afetividade, sexualidade, corpo e existência.

#### **6.4 A autolesão como forma de expressão**

Sobre a relação entre linguagem, expressão corporal e percepção do mundo, o que pode ser relacionado à autolesão destaca-se na importância da linguagem como meio de expressão do ser humano, não apenas verbal, mas também gestual e corporal. E, se muitos sentimentos não podem se concretizar na fala (pela ausência do interlocutor ou pela ausência de conforto em comunicar tais sentimentos com ele), a autolesão pode ser visada como uma forma de linguagem não verbal, onde o indivíduo expressa suas emoções e experiências internas através de ações físicas.

Merleau-Ponty explora a interconexão entre comportamento, linguagem e experiência vivida. Ele desafia visões simplistas da natureza humana, destacando como a perda da capacidade de linguagem afeta não apenas a comunicação verbal, mas também a percepção e organização do mundo. Da mesma forma, a autolesão pode afetar profundamente a experiência do indivíduo consigo mesmo e com o mundo ao seu redor.

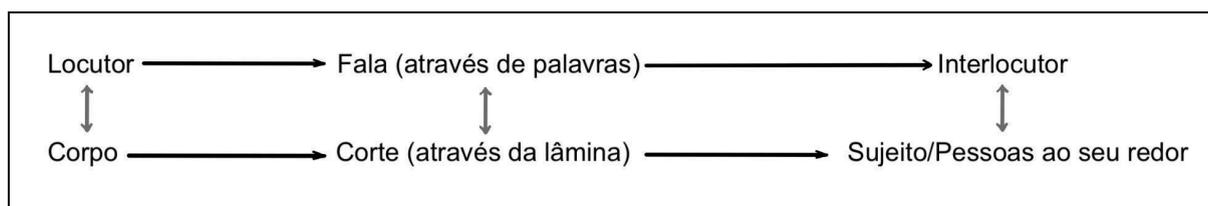
A linguagem não é apenas uma expressão de pensamentos, mas também um reflexo da posição existencial do sujeito. Da mesma forma, a autolesão pode refletir o estado emocional do indivíduo, revelando aspectos de sua experiência interna que podem não ser facilmente comunicados verbalmente. Assim como a linguagem verbal, a autolesão pode ser vista como uma manifestação do ser íntimo do indivíduo e de sua relação com o mundo e com os outros. Além disso, Merleau-Ponty destaca que a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também uma forma de criar significado e compreensão.

Na autolesão não suicida, o ato de se ferir pode ser uma tentativa de atribuir significado ao sofrimento emocional ou psicológico, transformando-o em algo tangível e visível. A linguagem, segundo Merleau-Ponty, não se limita apenas à

comunicação entre indivíduos, mas também é uma forma de expressar e dar forma à nossa própria experiência interna. Na autolesão não suicida, o indivíduo pode recorrer à autolesão como uma forma de expressar emoções intensas que podem ser difíceis de articular de outra maneira.

Se pensarmos em linguagem além da simples fala, poderemos entender que ela implica um pensamento, e que as próprias formulações desses pensamentos estão contidas na linguagem. Se imaginarmos uma pessoa cortando sua pele, com pensamentos de tristeza, vergonha, culpa, ela está traduzindo esses pensamentos em seu próprio veículo, obtendo a dor, o sangue e a cicatriz como resposta. Assim, pode haver um efeito terapêutico no ato e sua resposta varia conforme o sentimento do sujeito, mas a resposta do corpo é sempre a mesma. Poderíamos então, analogamente, substituir a lâmina ou qualquer que seja o instrumento utilizado pelas palavras?

**FIGURA 1** – Analogia entre o ato da expressão/da fala e a autolesão.



Fonte: autoria própria, 2024.

O corpo humano, segundo Merleau-Ponty, desempenha um papel central na experiência humana, sendo o ponto de partida para todas as sensações, emoções e interações com o mundo ao nosso redor. Ele argumenta que o corpo não é apenas um objeto físico, mas sim o pivô de todos os acontecimentos, pois permite não só a nossa existência, mas também o contato com o ser do outro.

Sob essa perspectiva, a expressão e a fala estão intrinsecamente ligadas à corporalidade e à experiência vivida. Merleau-Ponty destaca que a expressão vai além da linguagem verbal, incluindo gestos, posturas e movimentos corporais. Dessa forma, a autolesão pode ser vista como uma forma de expressão corporal, onde o corpo é usado como uma linguagem para comunicar emoções e estados internos que podem ser difíceis de articular verbalmente.

Além disso, a autolesão pode ser considerada uma forma de linguagem não verbal que revela algo sobre a experiência subjetiva da pessoa. Assim como a linguagem corporal pode transmitir informações e emoções, a autolesão pode ser

interpretada como uma forma de comunicação não verbal que expressa dor, angústia ou uma necessidade de ajuda. Para algumas pessoas, a autolesão pode ser uma forma de expressão artística, onde o corpo é usado como uma tela para transmitir sentimentos complexos e experiências emocionais.

Merleau-Ponty argumenta que a linguagem verbal tem suas limitações na expressão da experiência vivida. A autolesão pode surgir como uma resposta à dificuldade de expressar certos estados emocionais ou experiências traumáticas através da linguagem verbal. Nesse sentido, ela pode ser vista como uma tentativa de preencher essa lacuna na comunicação. Mas por que o corpo ao invés de um objeto como uma almofada, por exemplo?

Machucar o próprio corpo envolve uma experiência corporal visceral e direta da dor física, que está intrinsecamente ligada à experiência emocional e psicológica do indivíduo, e a autolesão pode ser uma tentativa de lidar com a dor emocional ou psicológica através de uma experiência corporal tangível e imediata. Além disso, Merleau-Ponty destaca a importância do corpo na formação da identidade pessoal e na busca de significado dentro da experiência vivida, e ferir o próprio corpo pode estar relacionado à busca de uma sensação de identidade, autenticidade ou compreensão dentro do contexto da experiência pessoal do indivíduo.

Sob essa ótica, os cortes e cicatrizes da autolesão podem ser interpretados como expressões corporais carregadas de significado e emoção. Essas marcas servem como formas de comunicação não verbal, permitindo que o indivíduo expresse emoções, angústia e conflitos internos que podem ser difíceis de articular verbalmente. Além disso, elas refletem a intencionalidade corporal do indivíduo, onde busca-se aliviar a dor emocional, buscar controle ou expressar sentimentos internos através do corpo.

Na experiência vivida, as cicatrizes da autolesão representam uma parte significativa da experiência corporal do indivíduo, moldando sua percepção de si mesmo e do mundo ao seu redor. As cicatrizes são percebidas e significadas pelo próprio indivíduo, refletindo sua história pessoal e contexto emocional, e influenciando sua percepção sobre si mesmo e sua experiência corporal. Ou seja, baseado na perspectiva de Merleau-Ponty, os cortes e cicatrizes resultantes da autolesão seriam mais do que simples marcas físicas; são expressões corporais que refletem a interconexão entre corpo, mente e experiência vivida, e são fundamentais para a experiência corporal e identidade pessoal do indivíduo,

Já o sangue na autolesão pode ser interpretado como um elemento visceral e simbólico, intrinsecamente ligado à experiência corporal e emocional. Ele serve como uma expressão intensa e poderosa da dor emocional e do conflito do indivíduo. Além disso, o sangue na autolesão é percebido diretamente através do toque e contribui para a significação emocional e simbólica do comportamento. Ele pode representar uma liberação emocional, uma tentativa de aliviar a dor emocional ou uma expressão da intensidade dos sentimentos do indivíduo.

Portanto, a autolesão pode ser entendida como uma forma de linguagem não verbal que expressa emoções, experiências e significados internos do indivíduo. Assim como a linguagem verbal, a autolesão é uma tentativa de comunicar e dar sentido ao sofrimento emocional de maneiras que vão além das palavras, de uma forma tangível e visível.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho desenvolvido visou, principalmente, proporcionar uma abertura sobre o horizonte da autolesão, contribuindo com visões e significados para além de teorias patológicas e biologizantes, de forma que se possa compreender o fenômeno nas dimensões da corporeidade. Percebemos, durante a pesquisa, que não há como chegar a um consenso sobre o fenômeno que possibilite classificar suas causas, motivações e sentimentos envolvidos de forma totalmente objetiva, pois ele se traduz como uma certa expressão da subjetividade humana.

Dessa forma, a pesquisa alcançou seu objetivo, que não foi sobre busca por respostas exatas para um fenômeno tão complexo, sim, através de revisões de artigos, relatos e do enfoque merleau-pontyano, desvelar outras interpretações, possibilidades de enxergar a autolesão e agregar, cientificamente, com dados sobre o fenômeno obtidos através desse material.

Ao longo do estudo, notamos como a manifestação do sofrimento ainda é incompreendida e muitas vezes ocultada, de forma que não se pode ter certeza da quantidade de casos em que essa prática ocorre, já que sua notificação é muito reduzida. Aspectos como a vergonha resultante do tabu em torno desse assunto impedem muitas pessoas de falarem sobre isso, e os que falam muitas vezes são julgados. A busca realizada na rede X coincidiu a esse respeito por possibilitar certa anonimidade entre os usuários, que podem compartilhar seus desabafos sem se preocupar com julgamentos – que ocorrem com muita frequência.

Pesquisar a autolesão foi um desafio, não por uma ausência de referências bibliográficas disponíveis – seria, inclusive, impossível ler todas. Mas são ainda iniciais as que analisam o fenômeno através da perspectiva do praticante, que investigam seu mundo e como ele se relaciona com este. Dados oficiais dificilmente são confiáveis em relação ao assunto e os que temos disponíveis, em sua maioria, tratam do suicídio e da autolesão como uma coisa só. Mas como vimos nesse trabalho, querer morrer e querer acabar com o sofrimento não é a mesma coisa.

Entrar em contato com essas vivências me possibilitou uma visão mais próxima e compreensiva de tantos jovens que estão, neste momento, trancados no banheiro da escola com uma lâmina na mão, sentindo-se sozinhos em meio a tantas pessoas. Por que temos tanto medo e preconceito com o ato de se machucar

propositalmente, que não vemos a pergunta mais óbvia a ser feita: que dores ela quer amenizar machucando a própria pele? Se alguém diz (e sempre dizem) que é para “chamar a atenção”, deveríamos urgentemente nos perguntar: por que ela precisa sangrar para que olhem para seu sofrimento? Por que ela não se sente confortável de conversar com alguém? Há alguém que se importe?

Estudar a autolesão pela perspectiva da Fenomenologia de Merleau-Ponty, ainda que ele não tenha abordado a temática, me trouxe uma certa desmistificação quanto ao assunto. Afinal, se ela é uma forma de expressão dos sentimentos, dos afetos, se olharmos para ela como manifestação de algo, enxergamos que o problema não está nela em si.

Nos assustamos tanto com sangue, cicatrizes e lâminas que não entendemos que a pessoa que opta por fazê-la não se importa mais com esses aspectos: eles na verdade, assemelha-se a um recurso/apoio “terapêutico”. Então, quando uma pessoa que se feriu é descoberta, percebe que poucos entendem que aquilo é a única forma de continuar existindo sem perder por completo sua sanidade.

Sugiro aos futuros pesquisadores que ousarem mergulhar nesse tema cheio de desafios e questionamentos que leiam, levantem dados, façam pesquisas completas e com forte embasamento teórico e visem priorizar os jovens e suas perspectivas. Embora seja difícil acessá-los, quando for possível, conversem com eles, busquem relatos recentes, formais e/ou informais, superem a patologização que os coloca em uma caixa, como se cada um não tivesse sua história, seu mundo, sua dor.

E para aqueles que buscam prevenir tal comportamento em escolas, equipamentos de saúde ou mesmo dentro das famílias: não tratem a autolesão necessariamente como um transtorno e visem investigar o que se manifesta em cada corte – um trauma familiar, o bullying, uma perda. Embora damos tanta importância para o ato de se mutilar, devemos lembrar que, para os que se mutilam, aquilo é apenas uma forma de entorpecer sua dor interna. Pode ser inclusive uma fuga ou uma forma de anestésiar, ao menos temporariamente, os sentimentos negativos que oprimem. Talvez, se tivessem apoio psicológico, alguém que escutasse seu sofrimento e validasse suas emoções, eles não sentiriam a necessidade de erupcionar em si mesmos - no próprio corpo.

## 8. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. M.; HORTA, P. **Auto-lesão, auto-mutilação e auto-agressão. A mesma definição?** News@fmul, n. 16. agosto de 2010. Disponível em: <https://www.medicina.ulisboa.pt/newsfmul-artigo/16/auto-lesao-auto-mutilacao-e-auto-agressao-mesma-definicao>

ALMEIDA, R. S. **Historiografia das práticas de automutilação: produção de sentidos em narrativas de jovens no ensino superior.** Dissertação de Mestrado. UFAL. Maceió, AL. 2021.

ALVES, B. L. **Perfil Epidemiológico e Clínico de Pacientes com Transtorno de Autolesão Não Suicida.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Minas Gerais. 2019.

ARATANGY, E. W. et al. (Orgs.). **Como lidar com a automutilação: guia prático para familiares, professores e jovens que lidam com o problema da automutilação.** São Paulo: Hogrefe, 2017.

ARCOVERDE, R. L.; SOARES, L. S. Funções neuropsicológicas associadas a condutas autolesivas: revisão integrativa de literatura. **Psicologia: reflexão e crítica** 25, 293-300, 2012.

ÁVILA, A. Tarzan. **Encontros e Desencontros entre o Pensamento de Husserl e Heidegger: Fenomenologia em movimento.** Estudos e Pesquisas em Psicologia. 2020. doi:10.12957/epp.2020.56655. ISSN 1808-4281.

BAETENS, I.; CLAES, L.; MUEHLENKAMP, J.; GRIETENS, H.; ONGHENA, P. **Non-suicidal and suicidal self-injurious behavior among Flemish adolescents: A web-survey.** Arch. Suicide Res., v.15, n.1, p. 56-67, 2011.

BAETENS, I.; CLAES, L.; WILLEM, L.; MUEHLENKAMP, J.; BIJTTEBIER, P. **The relationship between non-suicidal self-injury and temperament in male and female adolescents based on child- and parent-report.** Personality and Individual Differences, v. 50, n. 4, p. 527–530, 2011.

BAKKEN, N. W.; GUNTER, W. D. Self-cutting and suicidal ideation among adolescents: Gender differences in the causes and correlates of self-injury. **Deviant Behavior**, v. 33, n. 5, p. 339-356, 2012.

BANDEIRA, B. E. S. **Autolesão não suicida: bibliometria e descrição do comportamento em estudantes de graduação.** Dissertação de Mestrado em Saúde da Criança e Adolescente. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas. 2021.

BARBOSA, V. et al. A prática de autolesão em jovens: uma dor a ser analisada. **REME - Rev Min Enferm**, v. 23, 2019.

BARBOSA, M. R; Matos, P. M; Costa, M. E. **Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje.** Psicologia & sociedade 23, 24-34, 2011.

BARROS, M. G.; ALVES, M. E. L. SUICÍDIO E AUTOMUTILAÇÃO EM SERVIÇOS DE EMERGÊNCIA DURANTE A PANDEMIA COVID-19: UMA REVISÃO DA LITERATURA.. In: **Anais da III Jornada Nacional de urgência e emergência LAUEC**. Manaus. Evento Online, 2022.

BIBLIA SAGRADA, Português. **Bíblia Sagrada: Antigo e Novo testamento**. Edição catequética popular. Tradução dos originais grego, hebraico e aramaico mediante a versão dos monges beneditinos de Maredsous (Bélgica). 18ª ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 2013 apud ALMEIDA, (2021).

BORGES, C. N. L. O. **À flor da pele**: Algumas reflexões a propósito de um estudo de caso sobre autolesão. Dissertação de Mestrado. ISPA-Instituto Universitário das Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, 2012.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990.

BRANDAO JUNIOR, P. M. C.; CANAVEZ, F.. O corpo na contemporaneidade: notas preliminares sobre a prática de autolesão em adolescentes. **Analytica**, São João del Rei, v. 7, n. 13, p. 179-191, dez. 2018.

CALDAS, M. T. et al. Conduas autolesivas entre detentas da Colônia Penal Feminina do Recife. **Psicol. estud**, v. 14, n. 3, p. 575-82, 2009.

CEDARO, J. J.; NASCIMENTO, J. P. G. Dor e Gozo: relatos de mulheres jovens sobre automutilações. **Psicologia Usp**, v. 24, n. 2, 203-223, 2013.

CERUTTI, R.; MANCA, M.; PRESAGHI, F.; GRATZ, K. L. **Prevalence and clinical correlates of deliberate self-harm among a community sample of Italian adolescents**. J Adolesc., v.34, n. 2, p. 337-47, 2011.

CHENG, H., WANG, D., WANG, L., QU, Y. **Global prevalence of self-harm during the COVID-19 pandemic: a systematic review and meta-analysis**. BMC Psychology. 2023.

CHILDHOOD Brasil: Pela Proteção da Infância. **Desigualdade de gênero e à Violência Sexual contra meninas e mulheres**. Publicado em 05/09/2019.

CIPRIANO, A., CELLA, S., COTRUFO, P. Nonsuicidal Self-injury: a Systematic Review. **Front. Psychol**, v. 8. Novembro de 2017.

CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Org.). **História do corpo**: as mutações do olhar: o século XX. Petrópolis: Vozes, v. 3. p. 481-508, 2008.

COUGHLAN, H.; TIEDT, L.; CLARKE, M.; KELLEHER, I.; TABISH, J.; MOLLOY, C.; HARLEY, M.; CANNON, M. **Prevalence of DSM-IV mental disorders, deliberate self-harm and suicidal ideation in early adolescence: an Irish population-based study**. J Adolesc., v. 37, n. 1, p. 1-9, 2014.

COUTO, D. L., CUNHA, L. S. P. Marcas na pele: A autolesão sob a ótica da Gestalt-Terapia. **GT rede**. vol.14 no.27 Rio de Janeiro jul./dez. 2017.

DINAMARCO, A. V. **Análise exploratória sobre o sintoma de automutilação praticada com objetos cortantes e/ou perfurantes, através de relatos expostos na internet por um grupo brasileiro que se define como praticante de automutilação**. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade de São Paulo. 2011.

EVANGELISTA, P. E. R. A., O transtorno de personalidade borderline na Daseinsanalyse de Alice Holzhey-Kunz. **Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea**. V. 6, n. 2. 2017.

FABBRINI, F. M. B. N. **Automutilação**: um estudo sobre a representação da autolesão em uma comunidade virtual de praticantes. Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia. Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

FALCÃO, Juliana. **Cartas e Cortes**. Editora Appris, 2021.

FAVAZZA, A. R. **Bodies Under Siege**: Self-mutilation, Nonsuicidal Self-injury, and Body Modification in Culture and Psychiatry. The Johns Hopkins University Press: Baltimore, 3ª edição, 2011.

FERREIRA, J. **Mensagens sobre escarificações na internet: um estudo psicanalítico**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, 2018.

FERREIRA, Loraine Seixas. **Autolesão na adolescência e a produção científica nacional: revisão integrativa da literatura**. *Mudanças - Psicologia da Saúde*, v. 29, n. 2. Jul-Dez. 2021.

FITZGERALD, John; CURTIS, Cate. Non-suicidal self-injury in a New Zealand student population: Demographic and self-harm characteristics. *New Zealand Journal of Psychology*, v. 46, n. 3, 156-163, 2017.

FREIRE, Carlos Eduardo Carvalho. **Juventude e Atualidade: alguns elementos fenomenológicos para compreendermos a adolescência**. 2007.

FREITAS, M. H. O.; BEZERRA, L. R. Automutilação na adolescência: compreendendo a prática entre alunos de uma escola privada de Natal/RN. **EDUCAÇÃO, SAÚDE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: INVESTIGAÇÕES, DESAFIOS E PERSPECTIVAS FUTURAS**. Editora Epitaya, Rio de Janeiro, p. 9-21, 2021.

FONSECA, P. H. N., *et al.* **Autolesão sem intenção suicida entre adolescentes**. *Arq. Brás. Psicol.* vol 70 no3. Rio de Janeiro. Sept. 2018.

GEA, M. R. **Corpos marcados**: adolescência e ideais na contemporaneidade. Universidade de São Paulo, 2013

GLASGOW, K. **Garota em pedaços**. Outro Planeta; 1ª edição, março de 2017.

GIUSTI, J. S. **Automutilação**: características clínicas e comparação com pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo. Tese (Doutorado em Psiquiatria) - Faculdade de Medicina, University of São Paulo, São Paulo, 2013.

GONÇALVES, J. N. **“Vocês acham que me corto por diversão?”** – Adolescentes e a prática da automutilação. 2016, 138 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós- Graduação em Educação. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

GUERREIRO, D. F. **Comportamentos Autolesivos Em Adolescentes características epidemiológicas e análise De Fatores psicopatológicos, Temperamento Efetivo e estratégias De Coping**. Universidade de Lisboa (Portugal) ProQuest Dissertation & Theses, 2014.

HEIDEGGER, Martin. **Ontologia – Hermenêutica da Faticidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012 - tradução.

HEIDEGGER, M.. **Ser e Tempo**. Editora Vozes, 10ª edição, 1927, 2015.

IOB, E., STEPTOE, A., FANCOURT, D. Abuse, self-harm and suicidal ideation in the UK during the COVID-19 pandemic. **The British Journal of Psychiatry** , v. 217 , n. 4, p. 543 – 546, 2020.

KIEKENS, G. *et al.* Non-suicidal self-injury among first-year college students and its association with mental disorders: results from the World Mental Health International College Student (WMH-ICS) initiative. **Psychological Medicine**, v. 53, n. 3. 2021.

KLONSKY, E. D. Non-suicidal self-injury in United States adults: prevalence, sociodemographics, topography and functions. **Psychological Medicine**, v. 41, n. 9, p.1981–1986, 2011.

KLONSKY, E. David. Non-Suicidal Self Injury: What we know and what we need to know. **The Canadian Journal of Psychiatry**. Volume 59. n 11. Novembro, 2014.

KLONSKY, E. David. The functions of deliberate self-injury: A review of the evidence. **Clinical Psychology Review**. Volume 27, Issue 2, 2007, Pages 226-239. ISSN 0272-7358.

LANDSTEDT, E.; GADIN, K. G. **Deliberate self-harm and associated factors in 17-year- old Swedish students**. Scandinavian Journal of Public Health, v. 39, n. 1, p.17-25, 2011.

LIMA, B. F. Alguns apontamentos sobre a origem das psicoterapias fenomenológico-existenciais. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, XIV(1), 28-38. 2008.

LOB, E.; STEPTOE, A.; FANCOURT, D. Abuse, self-harm and suicidal ideation in the UK during the COVID-19 pandemic. **The British Journal of Psychiatry**, v. 217, n. 4, 543-546, 2020.

LOPES, J. J. B. **QUEM SOU EU (S)EM TI? A TÁCITA ALTERIDADE NA AUTO-MUTILAÇÃO**. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. Portugal. 2012.

LUCASSEN, M. F.; MERRY, S. N.; ROBINSON, E. M.; DENNY, S.; CLARK, T.; AMERATUNGA, S.; CRENGLE, S.; ROSSEN, F. V. **Sexual attraction, depression, self-harm, suicidality and help-seeking behaviour in New Zealand secondary school students**. Aust N Z J Psychiatry, v. 45, n. 5, p. 376-83, 2011.

LUCENA, N. L., ROSSI, T. A., AZEVEDO, L. M. G., PEREIRA, M. **Self-injury prevalence in adolescents: A global Systematic review and meta-analysis**. Children and Youth Services Review, v. 142. Elsevier. Novembro de 2022.

LUNA, D. B. **A experiência e a prática da automutilação entre jovens mulheres: a travessia e os ruídos da dor, na contemporaneidade**. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

LUNDH, L. G.; WÅNGBY-LUNDH, M.; PAASKE, M., INGESSON, S.; BJÄREHED, J. **Depressive Symptoms and Deliberate Self-Harm in a Community Sample of Adolescents: A Prospective Study**. Depression Research and Treatment, v. 2011, p. 1-11, 2011.

MARTINS, D. M.; SOUZA, E. S.; As políticas públicas de saúde no Brasil e o enfrentamento à autolesão e à violência contra as mulheres. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.8, n.4, 2022, p. 30902-30915.

MARTINS, D. M. **Uma fenomenologia da escuta com pessoas que se autolesionam na Clínica em Psicologia do NPA/UFMA**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Maranhão. 2020

MAY, Rollo. Origens e Significados da Psicologia Existencial. **A Descoberta do Ser**. 1988.

MARQUEZ, J. O. A dor e os seus aspectos multidimensionais. **Ciência e Cultura**, v. 63 n. 2, São Paulo, Abril de 2011.

MELO, L. F. . Uma Visão Fenomenológica sobre os Limites na Adolescência. **IGT na Rede** , v. 2, p. 1-12, 2005.

MERLEAU-PONTY, M.. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de Carlos Alberto Siqueira de Moura. 2 edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MIRANDA, M. C. L. B.; SOUSA, J. G.; LIMA, M. B. Perfil epidemiológico de lesões autoprovocadas no Estado do Piauí entre 2017 e 2021. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 2, 2023.

MORAES, W. C. **Angústias da automutilação**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Psicologia) - Universidade Faculdades Atibaia, Atibaia, SP, 2018.

MORAES, D. X.; MOREIRA, E. S.; SOUSA, J. M.; VALE, R. R. M; PINHO, E. S.; DIAS, P. C. S.; CAIXETA, C. C.; “Caneta é a lâmina, minha pele o papel”: fatores de risco da automutilação em adolescentes. **Rev Bras Enferm.**, v. 73, n. 1, 2020

MORAN, P.; COFFEY, C.; ROMANIUK, H.; OLSSON, C.; BORSCHMANN, R.; CARLIN, J. B.; PATTON, G. C. The natural history of self-harm from adolescence to young adulthood: a population-based cohort study. **Lancet**, v. 379, p.236–243, 2012.

MOREIRA, V. POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DE HUSSERL E HEIDEGGER PARA A CLÍNICA FENOMENOLÓGICA. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 4, p. 723-731, out./dez. 2010

MØHL, B.; SKANDSEN, A. The prevalence and distribution of self-harm among Danish high school students. **Personality and Mental Health**, v. 6, n. 2, p.147-15, 2012.

MUEHLENKAMP, J. J., CLAES, L., HAVERTAPE, L. PLENER, P. L. International prevalence of adolescent non-suicidal self-injury and deliberate self-harm. **Child & Adolescent Psychiatry & Mental Health**. v. 6, p. 1-9, 2012.

NASCIMENTO, Janie Kelly Fernandes do; NUNES, Nicolle dos Santos Moraes; ORSINI, Marco; MUHLBAUER, Julia Fernandes Eigenheer. Automutilação Em Adolescentes E Adultos Jovens Na Pandemia Por Covid-19: O Relato De Três Casos. **Revista Augustus**, v. 25, n. 52, 2020.

OLIVEIRA, A.; SOUZA, S. B.; COSTA, N. M. As principais causas que levam a automutilação em adolescentes: uma revisão integrativa. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 13, n. 6, 2021.

OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. **Saúde Mental dos Adolescentes**. 2021. Disponível em:  
<https://www.paho.org/pt/topicos/saude-mental-dos-adolescentes>

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Metade de todas as mortes entre jovens nas Américas podem ser evitadas, constata novo relatório da OPAS. 6 de Março de 2019. Disponível em:  
<https://www.paho.org/pt/noticias/6-3-2019-metade-todas-mortes-entre-jovens-nas-americas-podem-ser-evitadas-constata-novo>

OTTO, S. C. Cortes: O discurso sobre a autolesão feminina no tumblr. **Psicanálise & Barroco em Revista**, v. 13, n. 1, 2015.

PALAU, J. R. F. **A Força Salvífica da Mortificação**. Proposta de uma nova reflexão teológico-pastoral acerca da mortificação cristã. Rio de Janeiro, março de 2007.

PATTINSON, E. M., & Kahan, J. The deliberate self-harm syndrome. **The American Journal of Psychiatry**, 140(7), 867–872. 1983. <https://doi.org/10.1176/ajp.140.7.867>.

PAUL, E.; TSYPPES, A.; EIDLITZ, L.; ERNHOUT, C.; WHITLOCK, J. Frequency and functions of non-suicidal self-injury: Associations with suicidal thoughts and behaviors. **Psychiatry Research**, v. 225, p. 276–282, 2015.

PEDROSO, M. E. **Autolesão não suicida em universitários: estudo exploratório**. Iniciação Científica. UFRGS. 2023.

REIS, C. E. S.. Do corpo objeto ao corpo vivido: aproximações entre automutilação e fenomenologia. **IGT na Rede**. V. 15, n. 29. 2018.

RIBEIRO, A. C. O. P.; LEITE, R. F. D.; COUTO, V. V. D. Autolesão em estudantes adolescentes de uma escola pública. **REFACS**, v. 10, n. 1, 135-44, 2022.

RODRIGUES, B. V. **Autolesão provocada em adolescentes: o fenômeno da ideação suicida em uma escola pública no interior do estado do Rio Grande do Sul**. Artigo de Especialização em Gestão e Atenção Hospitalar no Sistema Público de Saúde. Universidade Federal de Santa Maria, 2020.

RODRIGUES, P. P. **Gritos Silenciosos: Quando as impossibilidades de simbolização de conflitos retornam ao corpo - automutilação na adolescência**. Monografia de Especialização em Saúde do Adolescente. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina, Departamento de Psiquiatria. Belo Horizonte, 2018.

RÜCKERT, M. L. T., Gonçalves, T. R., & Carlotto, M. S. (2023). Trabalho em Saúde Mental durante a COVID-19: manejo de pacientes com risco. **PSI UNISC**, 7(1), 142-157. doi: 10.17058/psiunisc.v7i1.17926.

SANTOS, J. H. et al. Comportamento autolesivo em adolescentes de escola pública. **Adolescência e Saúde**, v. 17, n. 2, p. 34-41, 2020.

SEKINE, A. B.; ALMEIDA, F. G., MORILHA, T. H. M. Automutilação em adolescentes e aspectos psicológicos: Revisão integrativa. **Anais de Psicologia do UNIFUNEC**, v. 5, n. 5, 2018.

SILVA, M. G.; SOUZA, N. D. B.; CABRAL, M. C. C. A.; Automutilação e Suicídio na Adolescência. ANAIS DO ENIC, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2022.

SILVA, M. V. A. P. **Explorar o efeito de contágio na prática de comportamentos não suicidas de autolesão em adolescentes**. Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde. Universidade Católica Portuguesa. Janeiro de 2023.

SILVA, T. M. M.; SCHOEN, T. H. Autolesão Não Suicida na Adolescência. **DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE: EVIDÊNCIAS CIENTÍFICAS E CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS-PRÁTICAS**, v. 1, n. 1, p. 308-324, 2020.

SIQUEIRA, E. S. Influências da Psicanálise sobre a Psiquiatria. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 9, n. 2, p. 19 -21, 1989.

SODELLI, M. A abordagem proibicionista em desconstrução: compreensão fenomenológica existencial do uso de drogas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, 637-644, 2010.

SPEARS, M.; MONTGOMERY, A. A.; DAVID GUNNELL, D.; ARAYA, R. Factors associated with the development of self-harm amongst a socio-economically deprived cohort of adolescents in Santiago, Chile. **Soc Psychiatry Psychiatr Epidemiol**, v. 49, n. 4, p. 629–637, 2014.

STERNUDD, Hans. The Discourse of Cutting: A Study of Visual Representations of Self-Injury on the Internet. 10. Boston: Brill Publishers, 2010, **Making Sense of Pain: Critical and Interdisciplinary Perspectives**, p. 237 - 248.

SUZIE GIUSTI, Jackeline. **Automutilação: características clínicas e comparação com pacientes com transtorno obsessivo compulsivo**. 2013. 184 F. Tese de Doutorado. Programa de Psiquiatria. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SWANNELL, S. V.; MARTIN, G. E.; PAGE, A.; HASKING, P.; JOHN, N. J. Prevalence of nonsuicidal self-injury in nonclinical samples: Systematic Review, meta-analysis and meta-regression. **Suicide Life Threat Behav**, v. 44, n. 3, p. 273-303, 2014.

THIPPAIAH, S. M., NANJAPPA, M. S., GUDE, J. G., VOYIAZIAKIS, E., PATWA, S., BIRUR, B., PANDURANGI, A. Non-suicidal self-injury in developing countries: A review. **International Journal of Social Psychiatry**, v. 67, n. 5, 2020.

THYSSEN, L. S.; CAMP, I. V. Non-suicidal self-injury in Latin America. **Salud mental**, v. 37, n. 2, p. 153-157, 2014.

VIEIRA, M. G. *et al.* Automutilação: intensidade dolorosa, fatores desencadeantes e gratificantes. Sociedade brasileira para o estudo da dor. **Rev Dor**. São Paulo, 2016 out-dez;17(4):257-60.

WAN, Y. H.; HU C. L.; HAO, J. H.; SUN, Y.; TAO, F. B. Deliberate self-harm behaviors in Chinese adolescents and young adults. **Eur Child Adolesc Psychiatry**, v. 20, n. 10, p. 517-25, 2011.

WU, D.,; ROCKETT, I.R.; YANG, T.,; FENG, X.; JIANG, S.; YU, L. Deliberate self-harm among Chinese medical students: A population-based study. **J Affect Disord**, v. 202, p.137-44, 2016.

YOU, J.; LEUNG, F.; FU, K. Exploring the reciprocal relations between nonsuicidal self- injury, negative emotions and relationship problems in Chinese adolescents: a longitudinal cross-lag study. **J Abnorm Child Psychol**, v. 40, n. 5, p. 829-36, 2012.

YOU, J.; LEUNG, F.; FU, K; LAI, C. M. The prevalence of nonsuicidal self-injury and different subgroups of self-injurers in Chinese adolescents. **Arch Suicide Res**, v. 15, n.1, p. 75-86, 2011.

ZHANNA, V. O instinto de autoconservação como manifestação da segurança psicológica da pessoa. **The I International Scientific and Practical Conference** «Modern methods for the development of science», Haifa, Israel, p. 334, janeiro de 2023.

## 9. QUADROS E FIGURAS

### 9.1. LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 1</b>	– Artigos sobre a autolesão por ordem cronológica de publicação	18
<b>QUADRO 2</b>	– Monografias, Teses e Dissertações sobre a autolesão em ordem cronológica de publicação	24
<b>QUADRO 3</b>	– Panorama Mundial da Autolesão	30
<b>QUADRO 4</b>	– Relatos sobre Autolesão nos estudos seleccionados	40
<b>QUADRO 5</b>	– Postagens sobre autolesão no X (Antigo <i>Twitter</i> ) por diferentes usuários desta Rede Social	43

## 9.2. LISTA DE FIGURAS

**FIGURA 1** – Analogia entre o ato da expressão/da fala e a autolesão 71